

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

**A creche, um caminho de desenvolvimento sócio
emocional**

Cláudia Sofia Carreira Malato

Relatório realizado na Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Lisboa, dezembro de 2014

Resumo

O presente relatório insere-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do curso Mestrado em Educação Pré-Escolar, desenvolvida em contexto de creche, com um grupo de crianças com dois anos de idade. Este tem como principal objetivo mostrar a importância da relação entre a educadora e a criança para o seu desenvolvimento sócio emocional na valência de creche.

Este trabalho de investigação tem como principal finalidade tentar compreender a importância dos educadores em creche no desenvolvimento sócio emocional das crianças, bem como as estratégias que estes utilizam para promover este desenvolvimento e que depois se alarga estudando também a importância entre a creche e as famílias. Para abordar este estudo procurei alguns autores de referência sobre o tema nomeadamente, Branco, Portugal, Cordeiro, que falam sobre o desenvolvimento das crianças entre os 24 e os 36 meses e também sobre o educador e o seu papel em creche.

Carinho, atenção e disponibilidade são características fundamentais para alguém que trabalha com crianças em tão tenra idade, de forma a que possa dar à criança aquilo que esta precisa. Os educadores devem transmitir segurança às crianças para que estas se possam desenvolver e aprender de forma a contribuir para o seu desenvolvimento sócio emocional em creche.

A metodologia adotada neste estudo foi de cariz qualitativa, esta opção justifica-se por se tratar da que melhor se adequa ao problema e aos objetivos do presente trabalho. As principais fontes de informação foram entrevistas feitas a educadoras.

Palavras-chave: crianças, papel do educador, desenvolvimento sócio emocional, famílias, creche.

Abstract

This report forms part of the supervised teaching Practice (PES) of the master's course in pre-school education, developed in a context of nursery school, with a group of children aged two. This has as main objective to show the importance of the relationship between the nursery school teacher and the child for his/her socio-emotional development on nursery school level.

The main purpose of this research is to try to understand the importance of the nursery school teachers in the children's socio-emotional development and also the strategies used for this development, that then later spans also to the importance between nursery's and families. To approach this study I looked for some key authors on the subject such as Branco, Portugal, Cordeiro that speak about children's development between 24 to 36 months and the teachers role in nursery school.

Care, attention and availability are fundamental characteristics when working with children at such a young age giving a child all it needs. Nursery school teachers should be able to convey security so that the children can develop and learn in a way that contributes to their socio-emotional development in nursery school.

The methodology adopted in this study was of a qualitative nature, this option is justified by the case of which best suits the problem and the goals of this study. The main sources of information were interviews with the teachers.

Keywords: children, nursery teacher's role, socio-emotional development, families, nursery.

“Educador é para mim aquele que é susceptível de se apresentar e de ser aceite como modelo de pessoa.”

João dos Santos

“O papel dos educadores é o de estimular todas as formas de expressão de que a criança é potencialmente capaz seja ela deficiente ou normal.”

João dos Santos

Este trabalho é dedicado a todas as
crianças com as quais tentei sempre criar
uma ligação de carinho e segurança.

Agradecimentos

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”

Fernando pessoa

A toda a minha família pelo apoio, pela compreensão, pela força e pelos pequenos mas grandes gestos que fizeram este sonho possível.

Ao meu namorado, pela força, dedicação, carinho, ajuda e paciência ao neste percurso tão importante da minha vida.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado durante este percurso,

À minha orientadora, Professora Manuela Fonseca, pela paciência, pelos conselhos, pela orientação que me deu, pois sem ela não seria possível, pela exigência e disponibilidade.

A todos os professores e funcionários da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, por tudo o que me deram oportunidade de aprender ao longo deste período tão feliz da minha vida.

À minha orientadora de estágio professora Leonor Menezes que sempre me apoiou e ajudou mostrando-me que o importante era o carinho, a dedicação e o amor por esta profissão.

À instituição Centro Social e Paroquial da Pena onde realizei o meu estágio, tendo assim oportunidade de desenvolver este trabalho como investigadora.

O meu muito obrigado a todos.

Índice

Introdução	1
Definição do problema	3
Contextualização do campo de estágio	4
Estrutura da investigação	5
Capítulo I. Enquadramento Teórico	
1.1 A importância da relação	7
1.2 Caracterização das competências das crianças da primeira infância	11
1.3 O papel do educador em creche	15
1.4 A importância da creche	18
1.5 A importância da relação entre a creche e a família	23
Capítulo II. Metodologia de investigação	
2.1 Abordagem qualitativa	26
2.2. Instrumentos de recolha de dados	29
2.3 Análise de dados	32
2.4 Cronograma	33
Capítulo III. Análise dos dados	34
Considerações finais	46
Referencias Bibliográficas	52
Anexos	53

Introdução

Este relatório foi proposto no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), esta unidade curricular está inserida no curso Mestrado em Educação Pré Escolar. No primeiro estágio ocorrido em janeiro de 2014, em contexto de creche, foi-me proposto realizar o relatório final com base na análise e reflexão da prática pedagógica. O estágio de creche foi realizado no Centro Social e Paroquial da Pena, onde tive o prazer de trabalhar com um grupo de 14 crianças, entre os 24 e os 29 meses.

O mestrado que escolhi fazer foi em Educação Pré-Escolar, pois considero que é uma área que desde sempre me fascinou. As crianças são a bases do nosso futuro e devem ser estimuladas e ajudadas para que o seu caminho seja o mais harmonioso possível, desenvolvendo todas as suas capacidades. Enquanto educadora devo promover um desenvolvimento emocional saudável e adequado, proporcionando ao meu grupo de crianças. experiências diversas, olhando sempre cada criança como um ser único e individual e com necessidades próprias que devem ser satisfeitas.

A minha maior motivação é a de ajudar as crianças, estimulando-as e dando-lhes ferramentas para se desenvolverem de forma completa, saudável, com valores de amizade, amor e respeito, entre outros.

Com futura profissional no ramo da educação, considero que num futuro próximo vou ter sob a minha responsabilidade um grupo de crianças, que vão precisar de uma educadora que os ajude a crescer, que lhes forneça ferramentas para descobrirem o mundo que os rodeia, de forma a proporcionar o seu desenvolvimento social, cognitivo, psicomotor e o emocional. Enquanto aluna e estagiária sempre tive bastante curiosidade em estudar e perceber melhor a ligação que une a educadora e as crianças, pois nem todas as crianças são igualmente simpáticas e sociáveis, mas normalmente com a educadora há sempre uma relação especial que se constrói.

Foi a partir desta minha curiosidade e interesse que surgiu o tema deste relatório final: A creche, um caminho de desenvolvimento sócio emocional.

Hoje em dia sabe-se o quanto é importante o estabelecimento de uma relação de vinculação entre a mãe e o bebé, pois é a partir desta relação que mais tarde se começa a alargar e a dar lugar a outras. Branco (2010, p.257) referencia João dos Santos, que é de opinião que, “a evolução do bebé dá-se no transfundo de experiências amorosas trocas comuns de aproximação/afastamento e de gratificação/recusa, numa rede de relações alargadas e enriquecidas embora conflituosas, mãe-bebé-pai-outro-outros.” Com isto a mãe vai preparando o seu bebé para o mundo exterior, o que fará a transição para a escola mais fácil pois aos poucos vão se introduzindo novos elementos na sua vida.

Quando foi pedido para escolhermos um tema para o relatório final este foi logo o que me veio à mente pois a relação entre o educador e a criança é um tema que desde sempre me suscitou bastante interesse e curiosidade, poder pensá-lo fundamentando a partir de tudo o que tenho aprendido, foi algo que me pareceu bastante produtivo e enriquecedor a nível pessoal e profissional. No início pensei que seria um pouco difícil observar e perceber onde estariam os pequenos sinais desta relação entre criança e educadora mas quando entrei para o estágio de creche rapidamente percebi que o dia da educadora estava repleto de momentos em que esta relação era visível para os mais sensíveis e observadores. É incrível ver os pequenos gestos que à partida são desvalorizados, por fazerem parte do dia a dia, mas que para a criança são fundamentais, gestos como por exemplo, mudar uma fralda. Uma educadora quando muda uma fralda está num momento de carinho e atenção exclusiva com aquele bebé, tem se ser um momento aproveitado por ambos, um momento em que a educadora pode estimular a criança para o reconhecimento do seu corpo, perguntando “onde está a pernocha do bebe?” e “Onde está a barriguinha?”, com este diálogo em tom de brincadeira e mimo há uma relação de descoberta por parte do bebé em relação a si mesmo, as crianças adoram estes momentos e aprendem com eles mesmo sem se aperceberem disso. Ao perceber a importância destes pequenos gestos, achei que seria muito pertinente trabalhar o tema e aprofunda-lo, procurando autores de referência neste tema, tais como João dos Santos, Gabriela Portugal, Brazelton, entre outros.

Para desenvolver este trabalho tive oportunidade de estagiar com dois grupos de crianças distintas, em primeiro lugar com crianças de 2 anos, em creche e em segundo lugar, já em jardim de infância com crianças de 4 anos. Nos dois grupos pude observar que todas as crianças têm uma boa relação com a educadora cooperante, mas na faixa dos 2 anos é mais evidente a dependência que as crianças ainda têm da educadora, enquanto as crianças de 4 anos, são mais independentes.

Ao longo deste último estágio a minha motivação foi crescendo, tornando-se cada vez mais evidente que este era um tema perfeito para ser aprofundado, pois acima de tudo, a educadora é a primeira pessoa, que surge mais evidente, no campo de relações do bebé depois da mãe e do pai, uma vez que é quem passa mais tempo com o bebé depois destes, e em alguns casos passa até mais tempo com ele que os próprios pais. Desta maneira tem de existir uma ligação afetiva forte com cada uma das crianças para que estas se sintam bem, amadas e confortáveis enquanto estão longe dos seus pais.

Para a realização deste relatório, centrado numa problemática de investigação foram levantadas algumas questões importantes e relacionadas entre si, que ao longo do mesmo me propus a investigar e a dar-lhes resposta. Esta parte importante de um trabalho de investigação é denominada de “Problema da Investigação” que será brevemente abordado da seguinte forma:

Definição do problema

- **Problema de investigação:** A relação entre educadora e criança como promotora do desenvolvimento sócio emocional da mesma.

Perante este problema e de forma a direccionar a pesquisa bem como o processo de análise deste problema de investigação defini os seguintes objetivos:

- Observar as diferentes estratégias que as educadoras utilizam de forma a estimular o desenvolvimento socio emocional das crianças, em creche.

- Compreender como as famílias e as instituições atuam junto das crianças de creche.

A partir destes objetivos, bem como do problema de investigação surgiu a questão de investigação, cuja resposta será o objeto do presente estudo:

- Qual o papel do educador na promoção do desenvolvimento sócio emocional da criança na creche?

Contextualização do campo de estágio

O presente trabalho de investigação ocorreu no Centro Social e Paroquial da Pena, perto do Martim Moniz, em Lisboa.

O Centro Paroquial da Pena é uma IPSS e é caracterizado pela sua forte componente de atenção aos mais carenciados, promovendo a fraternidade entre todos os membros da comunidade em que estão inseridos contribuindo para um bem comum.

Estas instituições geram valores de ajuda entre as pessoas da comunidade circundante e com isto há um maior e melhor desenvolvimento dentro da mesma comunidade.

O Centro Social e Paroquial da Pena como IPSS tem valores fundamentais e está ligado à igreja. Alguns desses valores são o respeito pelos Direitos da criança, Direitos da família e valorização da pessoa humana. Todos os agentes educativos do Centro Social Paroquial têm a preocupação permanente de avaliar a qualidade das suas decisões e ações e manter-se disponíveis para um aperfeiçoamento profissional e humano.

No que diz respeito à sala onde fui inserida esta é constituída por um grupo de 14 crianças com idades compreendidas entre 24 meses e os 29 meses, 9 do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

É um grupo bastante dinâmico, alegre e divertido. A adaptação à nova sala, às novas rotinas e regras foi mais fácil para algumas crianças do que para

outras, contudo no decorrer do estagio apercebi-me que a adaptação ao espaço e à nova realidade foi acontecendo. Relacionam-se bem com os adultos, quer da sala quer da instituição, no que diz respeito aos seus pares ainda surgem alguns conflitos como é normal.

No grupo de crianças há algumas que provêm do Nepal cuja língua materna não é o português, mas com o tempo foram conseguindo adaptar-se começando a compreender a nossa língua.

O ambiente na sala é de muita alegria com a educadora e com a Auxiliar, há um espaço para contar historias, um cantinho para brincar com os brinquedos, duas mesas e cadeiras para fazer as atividades e ainda um espaço que é a casinha onde as crianças brincam ao “faz de conta”.

1.3 Estrutura da Investigação

Este trabalho é composto por 3 capítulos. Na introdução está descrita, a pertinência deste trabalho, as motivações para esta investigação, a contextualização do campo de estágio, a metodologia que será seguida ao longo deste estudo, bem como o problema do qual partiu a investigação.

A seguir à introdução vem o primeiro capítulo onde será exposto o enquadramento teórico. Apresentam-se alguns conceitos importantes sobre o tema em estudo. Para o que se recorreu a autores de referência que falam sobre o desenvolvimento da criança nesta fase, assim como das relações entre educadora e criança. Para esta etapa da investigação utilizei autores como João dos Santos, Brazelton, Gabriela Portugal, entre outros.

Este capítulo dividir-se-á em 5 subcapítulos. O primeiro analisa a relação. O segundo dará a conhecer o desenvolvimento da criança até aos 2 anos, que pretende aprofundar melhor as características comuns do desenvolvimento das crianças de creche, faixa etária com a qual este trabalho foi desenvolvido O terceiro foca o papel do educador como promotor do desenvolvimento emocional da criança. O quarto refere a importância da

creche. Por fim o quinto fala sobre a importância da relação entre a creche e a família.

No segundo capítulo é apresentada a metodologia adotada nesta investigação. Esta foi qualitativa selecionando como técnica de recolha de dados, as notas de campo. Ao longo do trabalho percebi que a minha técnica de recolha de dados não era tão significativa para o tema como gostaria, pelo que optei por fazer entrevistas. Este capítulo contém referências às duas técnicas de recolha de dados.

No terceiro capítulo inicialmente iria apresentar a análise das notas de campo o que depois com o desenvolvimento do trabalho se mostrou não serem muito significativas, tendo optado pelas entrevistas a educadores e fazendo a análise das mesmas.

Por fim, estão as considerações finais onde se apresenta a reflexão sobre os dados analisados, a resposta aos problemas e questões levantadas, os constrangimentos e a abertura para novas investigações.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

Neste capítulo será feita uma abordagem teórica sobre o tema em investigação, tendo por base autores de referência. Desta forma poderei contextualizar os conceitos que aqui serão definidos. Este capítulo vai dividir-se em 5 subcapítulos que serão os seguintes:

- No primeiro, irei falar da importância da relação.
- No segundo, farei a caracterização das competências das crianças da primeira infância.
- No terceiro, falarei sobre o papel do educador na vida da criança.
- No quarto, irei realçar a importância da creche.
- No quinto e último capítulo, irei fazer a ponte entre a creche e a família, realçando a sua importância no desenvolvimento saudável das crianças.

1.1 A importância da relação.

Para melhor perceber este trabalho achei que seria importante falar sobre as relações, já que o tema do meu relatório final está ligado às relações. Por este motivo fiz algumas pesquisas e encontrei em Santos (1991) uma citação que liga as relações à escola,

Só quando os educadores e a escola conhecem o sistema de relações das pessoas do bairro de lata ou do residencial, da aldeia ou da vila; souberem como as pessoas comunicam e falam, como as crianças de desenrascam, das suas proteções ou abandonos; observarem como se compensam das suas carências e o que fazem das suas gratificações...só então é possível aos educadores saberem o que as crianças sabem...Porque na classe pré-primária como na fase inicial da aprendizagem escolar, o mais importante não é ensinar, mas aprender

com a criança qual o seu saber, para poder mostrar-lhes como se fala e regista o seu saber.

Só assim é possível a um educador ou professor, fazer coincidir a sua cultura e conhecimentos académicos, com a cultura da criança e a do seu meio social. (p.59)

É importante perceber que uma criança quando vai para a creche ou jardim de infância trás consigo uma serie de conhecimentos, linguagens e símbolos, que fazem parte da sua história familiar e da comunidade onde está inserida. Uma educadora tem de perceber muito bem o meio onde a criança está inserida para também saber como comunicar com ela e como ajuda-la no dia a dia.

As relações são muito significativas na vida de uma pessoa, pois ninguém sobrevive sem se relacionar com outros seres humanos, e uma criança que inicialmente depende exclusivamente de outrem para sobreviver necessita ainda mais de se relacionar, inicialmente com a mãe e depois alargando as suas relações para o pai, família, amigos, escola e comunidade.

Santos citado por Branco (2010, p.353), diz que “Mãe — escreve — diz em primeiro lugar respeito à função de proteção, calor, afeto e alimento, isto é, de preenchimento relacional.(...) Sem esta relação — prossegue — não há sobrevivência mental para o bebé e, na maior parte das vezes, também física” Através de Santos conseguimos perceber a importância da relação inicialmente com a mãe, relação sem a qual o bebé não sobrevive, a criança pode ter tudo o que precisa como alimentação, conforto entre outros, mas se não tiver a relação com a mãe esta não consegue desenvolver-se e pode mesmo não sobreviver.

Ainda citando Santos (1991, p.62) “ O desenvolvimento psíquico das crianças, que é bem evidente a partir dos 6 ou 7 meses, não parece depender tanto do conhecimento dos pais, mas das suas aptidões espontâneas para educar. Eu diria, para se relacionarem com as crianças.” Nesta citação temos mais uma prova da importância da relação, principalmente dos pais com os seus filhos. As relações são a base para o desenvolvimento, e são muitas vezes desvalorizadas, mas como já vimos acima este relacionamento é fundamental para a sobrevivência do bebé.

Considero que é pertinente falar também da importância do pai nesta relação inicial mãe-bebê, pois este é uma peça fundamental da relação. Para que a relação mãe-filho tenha sucesso é preciso existir um pai que proteja esta mesma relação, para que mais tarde também ele desenvolva a sua relação com o seu filho.

Santos, citado por Branco (2010)

(...) qualquer ensino, deve enxertar-se na educação, a qual consiste fundamentalmente em comunicar, devendo ser entendido este último conceito pela capacidade de a criança se relacionar com pessoas, grupos e coisas, dado ser esta capacidade de relacionamento e comunicação que torna a criança apta a aprender a relacionar os sinais, signos e os símbolos, que a leitura nos livros e a escrita exigem. (p.357)

Ao refletir sobre tudo o que li dizendo respeito à relação, percebi que uma criança que não estabeleça uma relação com a educadora ou uma educadora que não estabeleça uma relação com a criança, não vai poder educa-la, pois é na relação que se centra a educação. Uma pessoa que pretenda educar tem de se relacionar com os educandos, pois é através desta ligação que se comunica, que se transmitem os conhecimentos de um para o outro e sem esta não será possível existir essa passagem de conhecimentos.

É na relação que se encontra a base para a comunicação entre as pessoas, comunicação essa que faz parte das nossas vidas, todos temos de comunicar e de nos relacionar uns com os outros para que possamos sobreviver.

Santos, citando por Branco (2010, p.431) diz:

(...) tudo o que o ser humano é, em termos de saúde mental, de inteligência e capacidade de inserção feliz e cooperante na vida, na sociedade e na cultura, depende da qualidade da relação que teve, em primeiro, com a mãe, depois, com o pai e o grupo familiar envolvente.

Ou seja, esta relação inicialmente desenvolvida entre mãe e filho é a base e o início de tudo o que a criança vai aprender ao longo da sua vida, é a relação que dá à criança a capacidade de se desenvolver não só a nível emocional, mas também espiritual, ao nível cognitivo e a todos os outros. É a

partir desta primeira relação que a criança começa a estabelecer relação com outras pessoas ao longo da sua vida, sem esta relação a criança dificilmente sobrevive e muito menos se consegue relacionar com outras pessoas.

Ao falar sobre a relação é importante fazer uma referência a Erickson, (citado por Sprinthall & sprinthall, 1993) que, considerando as oito idades do Homem nos fala da confiança de base que se constrói nos dois primeiros anos de vida. Nestes primeiros anos a criança trava uma luta entre estar confiante ou não, mas “sob condições educativas apropriadas, estes opostos são resolvidos numa nova condição denominada esperança”(p.141), surgindo a confiança de base que levará a criança a crescer numa perspetiva positiva.

É através da experiência satisfatória geradora de bons momentos em que a mãe se revela como alguém em quem se pode confiar, que nasce a brincadeira.

Branco (2010) justifica a razão pela qual a brincadeira entre a mãe e o bebé é tão importante,

“(...) o brincar entre a mãe e o seu bebé é, para João dos Santo e Winnicott, matriz da capacidade criativa, por abrir um espaço de transicionalidade (Winnicott) ou operatividade (João dos Santos e Winnicott), onde tudo se pode criar, inventar e comunicar. Mãe e bebé preenchem-no (para compensar a simbiose perdida) com os mais diversos objectos que a criança prefere e aos quais se agarra (peluches, brinquedos e brincadeiras vários), por neles projectar imagens que tornam presente o que se ausentou. Esses objectos podem também ser sons, gestos, palavras, e o manejo exterior e interior de todos eles é da mais vital importância para a evolução emocional, afetiva, mental e espiritual da criança.” (p.407)

Os brinquedos e peluches que as crianças levam consigo para a creche são elementos bastante importantes para se sentirem seguros, pois como é referido acima, estes são elementos aos quais as crianças se agarram para se sentirem perto da mãe, o que lhes dá segurança.

Considero que é importante explicar o que é para João dos Santos e para Winnicott o espaço operacional referido por Branco (2010, p.408), é neste espaço operacional que ocorrem as trocas de linguagem, afetivas entre mãe e bebé bem como a linguagem inventiva e lúdica, é neste espaço que se mantém

durante toda a vida a confiança que o bebê tem em si e nos outros. Esta confiança é fundamental para o seu futuro é a chamada confiança básica, como atrás referi.

Passo também a explicar o que é o espaço transitivo segundo Branco (2019, p.408) “É neste espaço transicional preenchido que se dá uma outra conquista que permanece, também, para sempre como reservatório original de afeto, de sonho, de utopia e de ações: a capacidade de sentir o outro e o mundo como algo que não obriga a «ajustar-se» e a submeter-se, mas convoca à iniciativa, à invenção e a perceber-se a si mesmo como alguém capaz de criar para si e para os outros uma vida que valha a pena ser vivida.”

1.2 Caracterização das competências das crianças da primeira infância

Para melhor compreender os comportamentos das crianças é preciso estudá-los tendo uma melhor noção das competências e o seu nível de desenvolvimento. Como este trabalho se foca na faixa etária dos 2 a 3 anos farei uma descrição do desenvolvimento das crianças durante este período, para isso irei utilizar alguns autores de referência nesta temática.

É importante lembrar que cada criança é única e deve ser tratada e compreendida como tal, pois cada uma tem um determinado ritmo de desenvolvimento que deve ser respeitado.

Segundo Brazelton (1995) uma criança com dois anos desenvolveu uma expectativa de sucesso na vida e apresenta as seguintes características:

1. Autoconfiança- Quando a criança entra no meu gabinete, deve recordar as consultas anteriores. Uma criança que revela segurança dirigir-se-á imediatamente para onde estão os brinquedos, como se o local lhe pertencesse. se chega à frente dos pais, tem a certeza de que eles a seguirão. Demonstra no seu porte seguro que está apta a dominar a situação. A sua curiosidade pelos meus brinquedos revela um espírito curioso, pronto a conquistar novos desafios.
2. Competência- Uma criança de dois anos entra caminhando firmemente, de pernas juntas, braços para baixo, com uma postura

direita. Quando se dirige para os brinquedos e se baixa para os agarrar, fá-lo com uma pressão firme e coordenada.

3. Fala- Quando diz «olá», «carro» ou «não», fá-lo de uma maneira vibrante e melodiosa, mas não estridente. Exprime-se com uma musicalidade convidativa.

4. Identificação sexual- Os rapazes já absorvem o comportamento do pai e as raparigas o da mãe. Esta identificação é nítida por volta dos dois anos e diz respeito ao poder de imitação e à consciencialização precoce da sua própria sexualidade.

5. Lateralidade- As crianças destras alcançam os brinquedos com a mão direita. Poderão até ter-me estendido essa mão para me cumprimentar. Se forem canhotos, usam a mão esquerda com desembaraço. Se a sua lateralidade não estiver bem definida, e usarem as duas mãos de igual modo, tenho de anotar esse aspecto, visto que poderá vir a interferir com a sua lateralidade. (p. 214)

Conforme estes aspetos referidos pelo autor temos algumas ideias dos comportamentos de uma criança na faixa etária dos dois anos, mas o autor ainda refere que nesta fase a criança também, em pequenas brincadeiras, demonstra a sua capacidade de usar o jogo simbólico, fazendo a imitação de cenas às quais assiste em casa, como brincar com um boneco e com uma boneca imitando o comportamento dos pais. O autor dá um exemplo de uma criança que coloca dois bonecos deitados num camião, ao qual a criança vai dar corda para este andar, com este comportamento a criança mostra "...a sua capacidade para aprender e conceptualizar o comportamento e o significado dos acontecimentos que a rodeiam. É prova não só de uma competência cognitiva, mas também de uma espécie de liberdade emocional."

Também a motricidade da criança revela nesta idade problemas que possam existir, o mais comum é nesta fase a criança ter uma boa motricidade com movimentos firmes executando-os com facilidade, já uma criança com problemas, apresenta movimentos trémulos e desajeitados o que pode significar perturbações neurológicas.

Segundo Wilson (2014, p.588) nesta fase as crianças, no que diz respeito as mudanças sensoriais, já revelam uma visão binocular bem desenvolvida, também a audição, olfato, gosto e tato se tornam cada vez mais desenvolvidos e coordenados entre si. Ou seja os sentidos estão cada vez mais apurados, o que faz com que as suas experiências sejam mais

diversificadas e interessantes, construindo um conhecimento cada vez mais rico da realidade que a envolve.

É nesta fase também que as crianças começam a subir e a descer escadas, pois o seu desenvolvimento ao nível da locomoção já lhes permite realizar esta tarefa.

As crianças da instituição onde realizei o meu estágio estavam habituadas a subir e a descer escadas pois a aula de ginástica era realizada no ginásio que se encontrava no rés do chão e a sala onde estavam encontrava-se no segundo andar. Este treino de subir e descer escadas era bastante interessante pois as crianças mais pequenas ainda tinham algum receio e queriam agarrar a nossa mão mas a maior parte delas já conseguia realizar este exercício com grande destreza.

Relativamente ao desenvolvimento psicossocial, citando Wilson (2014, p.590)

Se a necessidade de confiança básica for satisfeita, estão prontos para passar da dependência para o controlo, independência e autonomia. Algumas destas tarefas específicas incluem: Diferenciação de si próprio em relação a outros, particularmente em relação à mãe ou cuidador principal; Tolerância face à separação dos pais; Capacidade de aguentar o adiamento da gratificação; Controlo sobre funções do corpo; Aquisição de comportamentos socialmente aceitáveis; Meios verbais de comunicação; Capacidade de interagir com outros de uma forma menos egocêntrica.

No que diz respeito à linguagem segundo Brazelton (1995, p.219) “Uma criança com dois anos já emprega frases com verbos e começa a usar adjetivos e advérbios.” Ou seja é uma fase em que a criança começa a falar mais e que por vezes compreende e realiza tarefas como, trazer um objeto específico que lhe pedimos, mesmo sem ainda conseguir verbalizar essa tarefa que lhe pedimos.

No que diz respeito ao sono, nesta fase segundo Brazelton (1995, p.223) “O novo desenvolvimento linguístico pode manifestar-se em períodos de sono leve, quando a criança está a tentar adormecer outra vez. Meio adormecida, começa a falar, dizendo as novas palavras que aprendeu. Consegue sossegar sozinha e voltar a adormecer.”

Ainda no sono a criança nesta fase também pode ter terrores noturnos, também mencionado pelo mesmo autor. Estes terrores noturnos provocam muita agitação na criança enquanto esta dorme profundamente, fazendo também com que ela grite. Esta situação pode acontecer porque a criança teve um dia mais tenso ou se pais ralharam com ela pouco antes da hora de dormir. O que os pais ou educadores devem fazer é acordar a criança tentando acalmá-la e isto deve ser o suficiente para que a criança volte a adormecer tranquila. Citando o autor Brazelton (1995):

Os pais que já experimentaram dificuldades no sono dos filhos gostarão agora de os ouvir conversar sozinhos para adormecerem. Ficam deitados na cama até depois da hora habitual repetindo tudo o que fizeram durante o dia. Estas «narrativas de berço», já referidas, dirigem-se por vezes para uma boneca ou um bicho de pano (...) Este dom da autonomia dá azo a um domínio maravilhoso. Repetindo o seu dia e interpretando-o, a criança domina a tensão ou frustração excessivas. (p.223)

Um outro momento do desenvolvimento que considero importante referir é o da alimentação, pois nesta altura a criança já começa a comer sozinha, imitando o comportamento dos adultos, mas a sua motricidade fina ainda não está bem desenvolvida para que a criança consiga manusear os talheres corretamente. Brazelton (1995, p.224), diz-nos:

Devem respeitar o esforço que a criança está a fazer para comer como os adultos, para fazer as suas próprias opções, e devem aceitar a sujeira provocada pela manipulação que ela faz com os utensílios. As refeições poderão eventualmente ser um prazer. É necessário esperar que as crianças tenham «boas maneiras» à mesa.

Outro dos pontos importantes em crianças de dois anos é o controlo dos esfíncteres, segundo Brazelton (1995, p.224) “O treino do controlo das necessidades só deverá começar quando a criança já tiver revelado a sua apetência para todos os fatores já referidos no capítulo anterior (a fala, a imitação, a arrumação, o declínio do negativismo).” Embora as crianças possam ainda com dois anos começar este treino do controlo das necessidades este só é possível se a criança tiver todas as outras capacidades desenvolvidas, caso contrario só mais tarde quando as tiverem adquirido podem então iniciar esta tarefa. É importante que não se force a criança pois

quando esta estiver preparada irá fazê-lo sem problemas e mais facilmente do que forçada, quando ainda não tem a capacidade de realizar a tarefa.

Quando as crianças começam a fazer o controlo dos esfíncteres surge a curiosidade sobre os seus órgãos genitais. Segundo Brazelton (1995, p.229) “A masturbação e exploração, tal como outros pontos de referência no desenvolvimento são perfeitamente normais nesta idade.” É importante não ligar muito a estes comportamentos caso eles sejam ocasionais, pois como o autor diz faz parte da sua exploração.

Estes primeiros anos de vida, partindo de uma relação positiva e geradora de confiança, da maturação saudável do sistema nervoso que implica uma evolução psicomotora harmoniosa, são um tempo de abertura da criança ao mundo, de satisfação da sua enorme curiosidade por tudo que a rodeia.

1.3 O Papel do Educador em creche.

O estudo das relações educador-criança na creche constitui uma oportunidade para o alargamento da nossa compreensão sobre o desenvolvimento das relações sociais da criança com adultos. Além disso, como a ligação da criança ao educador pode influenciar a sua adaptação socioemocional à creche torna-se importante a observação destas ligações. (Portugal, 1998, p.179)

Considero bastante importante a relação que o educador estabelece com as crianças, sendo que esta é bastante relevante para todo o processo de adaptação à creche ou jardim de infância. Como futura profissional achei pertinente desenvolver este subtema para que se perceba a importância do educador na vida das crianças.

Portugal (1998) fala sobre algo que achei bastante interessante, diz que as ligações que uma criança estabelece com o educador são independentes da relação com a mãe e com o pai. Isto significa que uma criança pode não ter uma relação de vinculação segura com a mãe, mas desenvolve-la com a

educadora que lhe transmite e oferece condições para que a vinculação possa acontecer, permitindo à criança ter um modelo alternativo de relação social.

É neste ponto que se pode perceber a importância que o papel de educadora tem na vida da criança, pois um educador não é simplesmente alguém que toma conta de crianças, mas sim um adulto capaz e competente que estimula as crianças e as ajuda a desenvolver as suas capacidades, tornando-se num modelo que a criança admira e respeita.

Uma creche de qualidade não pode permitir que um educador tenha muitas crianças ao seu cargo pois isto significa que o mesmo não terá a disponibilidade necessária para estabelecer uma boa relação com cada criança. Quando isto não acontece o educador não consegue perceber as necessidades de cada criança tornando a sua intervenção ineficaz.

Portugal (1998) refere o seguinte:

Os dados de Howes et al. (1990) sugerem ainda que as crianças com uma ligação segura com as mães parecem ser mais capazes do que as crianças inseguras de compensar e superar as exigências de uma creche onde não é promovida a ligação positiva com o educador parecem ser socialmente mais competentes do que as inseguras. (p.181)

O ideal será sempre uma criança ter uma ligação segura com a mãe e com o núcleo familiar e também quando entra na creche desenvolver uma relação segura com o educador. Desta forma a criança tem a possibilidade de se desenvolver de forma harmoniosa e sem ansiedades.

Segundo Portugal (1998):

Aquilo que melhor parece predizer o desenvolvimento social da criança é a combinação das situações familiares e da creche. Os bebés que frequentam creches de elevada qualidade, e que se desenvolvem em famílias que experienciam pouco stress, mais apoios sociais, com valores e práticas sociais mais apropriadas ao desenvolvimento da criança, serão os mais socialmente competentes. (p.181)

O número de crianças por educador é muito importante para que a relação que este estabelece com as crianças seja mais forte e segura, assim sendo segundo Allhusen e Cochran (1991) citados por Portugal (1998)

O tamanho do grupo também era importante: grupos mais pequenos associavam-se a maior eficácia do educador e a ligações afetivas mais positivas por parte da criança. A estabilidade da relação também se relacionava positivamente com a ocorrência de ligações afetivas seguras. (p.181)

Tanto o educador como a criança passam por uma fase de habituação um ao outro, tentando perceber como o outro reage perante determinada ação, ou seja vão se conhecendo e estabelecendo uma relação.

Numa fase inicial a criança comunica essencialmente pelo choro e o educador ao começar a conhecer o tipo de choro da criança, pode atuar imediatamente acalmando a criança e fazendo com que esta se sinta segura. Estes momentos de sintonia entre ambos contribuem para esta relação de segurança que é esperada entre um bom educador e uma criança.

Portugal (1998) refere-se ao educador dizendo que:

O educador deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através da atenção, gestos, palavras e atitudes. Deve ser alguém que estabeleça limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem suficiente maturidade, mas que ao mesmo tempo permitam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança sempre que possível. Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de responsabilidade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento socioemocional. (p.198)

O educador deve ser uma pessoa que tenha em si as capacidades referidas pela autora, para que possa cumprir o seu papel da melhor maneira, proporcionando às crianças uma melhor experiência em creche e sentindo-se também realizado perante os seus objetivos.

A mesma autora refere também que “a relação educador-criança, ainda que substituta da mãe, difere nas suas características essenciais da relação mãe-criança.” (p. 199) ou seja a educadora tem um papel diferente do da mãe, no que respeita aos seus objetivos, origens e motivações.

Segundo Portugal (1998, p199), a educadora dever ter em atenção quando estabelece uma relação com as crianças, para que esta não seja baseada no seu instinto e espontaneidade, ou seja deve cuidar da criança mas

baseando-se nas suas necessidades básicas e não naquelas que uma criança começa a exigir devido às emoções que a educadora desperta nela.

A educadora dever ter em atenção, que deverá tratar todas as crianças de igual forma, pois o facto de tratar uma criança de forma diferente, vai despertar na criança as tais necessidades que não são possíveis de satisfazer, bem como quando a criança se vai embora a educadora fica frustrada, o que vai tornar difícil para esta ser igualmente carinhosa com o restante grupo de crianças. Este problema pode levar a educadora a fechar-se, tornando a sua prática mais impessoal e mecânica.

Considero que é bastante importante que uma educadora tenha bem presente qual o seu papel enquanto profissional, que é bem distinto do de mãe, a confusão destes dois papéis pode levar ao seu insucesso enquanto educadora, mas leva principalmente as crianças ao insucesso, pois as crianças, principalmente as mais pequenas, precisam de construir uma imagem clara e significativa da mãe diferenciada da que constroem da educadora.

Para que isto aconteça também a educadora tem de ter bem claro o que para si significa ser educadora e ser mãe. Enquanto uma educadora é uma profissional de educação, terá como objetivos tratar todas as crianças de igual forma, o que não significa que as trate como um todo, mas sim, que todas elas tenham a atenção, o afeto e o carinho da educadora. Sem que esta nunca se esqueça que cada criança é uma criança e tem necessidades diferentes de todas as outras, uma educadora deve saber distribuir por todas as crianças o que elas necessitam sem tratar nenhuma como sendo mais que as outras, mas sim cuidando de cada uma em especial.

1.4 A importância da creche

A creche é um estabelecimento educativo que tem como objetivo cuidar de crianças até aos 3 anos, cujas mães estão a trabalhar.

Para melhor compreender a importância da creche parece-me pertinente falar um pouco sobre a qualidade da mesma, bem como da organização do

espaço físico e do currículo e princípios educativos da mesma. Para isso vou apoiar-me na autora Gabriela Portugal, que fala precisamente sobre estes pontos chave.

Portugal (1998) diz que:

Muitas palavras, linhas e textos foram escritos e ditos sobre a importância de contextos de elevada qualidade educativa para as crianças com menos de 3 anos de idade. A maior parte das pessoas está de acordo quanto à ideia de que a creche não é apenas um lugar de guarda de crianças mas sobretudo um meio educativo.

Apesar disso, na prática constata-se uma indefinição quanto às linhas de força coerentes subjacentes a uma política educativa para a primeira infância, sendo consideráveis as diferenças de creche para creche quanto à maneira de atuar. O atendimento em creche é variável, diverso e frequentemente de baixa qualidade. (p.192)

Considero que é muito importante que existam creches com pessoas especializadas nos cuidados das crianças, bem como na relação que mantem com os pais e família da mesma. Para que isto aconteça é preciso que os técnicos e profissionais de educação sejam pessoas estáveis e saibam comunicar com a família da criança e principalmente com a criança.

Portugal (1998)

Idealmente a avaliação da qualidade de um programa deve incluir características de relação pai-educadores, tendo em conta a perspectiva tanto dos pais como dos educadores. Tais avaliações podem realizar-se interrogando pais e educadores sobre a natureza das suas relações. As relações educador-família são fundamentalmente: Respeitosas e não tanto controladoras ou de cátedra? ; aceitantes, abertas, tolerantes e não tanto rejeitantes, preconceituosas ou culpabilizantes?

As sugeridas características positivas na relação família-educadores são relativamente fáceis de desenvolver quando educadores e pais têm o mesmo estrato sociocultural, falam a mesma língua, partilham os mesmos valores e objetivos relativamente à criança e quando gostam uns dos outros. Contudo, o desenvolvimento de relações positivas e respeitadas entre famílias e técnicos de diferentes estratos sociais requer profissionalismo, usualmente baseado numa combinação de experiência, educação e formação bem como em valores pessoais. (p.194)

A qualidade da creche é bastante importante, até porque se a qualidade for baixa os pais também terão mais dificuldade em se relacionar com os educadores e outros técnicos de educação, desta forma parece-me que uma

ponto fundamental para o bom desenvolvimento de uma criança, seja também o facto de os pais terem uma boa relação com o educador, dando assim estabilidade e segurança à criança.

Um ponto fulcral na qualidade de uma creche é sem dúvida os técnicos que nela trabalham, pois se a sua qualidade de trabalho não for boa a qualidade da instituição no geral também não o será. Pois as pessoas é que fazem a instituição, ou seja uma instituição com boas instalações, mas com técnicos de fraca qualidade será claramente pior que uma instituição com piores instalações mas técnicos de boa qualidade.

No que diz respeito ao espaço físico e à sua organização Portugal (1998) diz:

Durante muitos anos considerou-se que se a criança é afetada pelo ambiente isso verifica-se sobretudo em relação a aspectos como a temperatura do ar, da água do banho, fraldas secas ou molhadas, barulhos, perda de equilíbrio, etc. Evidentemente é importante que o ambiente seja seguro e saudável. É importante que haja um controlo cuidadoso das temperaturas e da ventilação, que hajam precauções sanitárias, que os materiais e equipamentos não representem potenciais perigos, etc. Relativamente a necessidades de segurança de saúde, verifica-se uma preocupação institucionalizada. Mas também é importante que o ambiente não seja demasiado superprotector, afetando o movimento e a exploração e a capacidade de a criança confiar nela própria e no mundo físico. Demasiadas crianças numa sala já representa um problema de segurança!" (p.202)

O ambiente onde as crianças estão, também é bastante importante para o seu desenvolvimento, uma sala de creche deve ter um ambiente estimulante para as crianças descobrirem novas coisas, deve ser amplo e bastante limpo.

Ainda relativamente ao ambiente em creche Portugal (1998)

Um dos grandes desafios que se coloca ao nível da educação colectiva reside no evitar as qualidades institucionais dessa experiências, isto é, toda a gente fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo. este ambiente de fábrica tem elevados custos tanto para a criança como para o educador; aborrecimento, frustração e perda de individualidade. A este nível a organização física dos espaços torna-se muito importante. Se os espaços são individualizados e de tamanho quanto baste, os bebés não se movimentarão em blocos. Dado o tamanho das crianças, mesmo numa pequena área dois bebés poderão brincar ao esconde-esconde por trás de uma almofada, num canto outro poderá brincar com cubos e outro num colo presta atenção a um livro. Neste tipo de espaços, as crianças

movimentam-se ao seu próprio ritmo e os seus períodos de atividade, calma e sono tornam-se individualizados. (p.203)

Para que as crianças possam ter os seus próprios ritmos e descobrir o mundo que as rodeia é preciso que o ambiente em que estão inseridas, na creche, seja favorável, existindo espaço para as crianças se movimentarem, bem como diferentes brinquedos e outros objetos para explorarem ao seu próprio ritmo. Também deve ser limitado o número de crianças por educador.

A sala deve ser diferente consoante a idade da criança, Portugal (1998, p.204) refere-se à sala de crianças na faixa etária dos 2 anos dizendo que o ambiente da sala deve ser adequado às necessidades desta faixa etária. As crianças de 2 anos gostam de mexer nos materiais que lhes deem mais trabalho, moveis com gavetas, prateleiras são bastante interessantes, para que estas percebam como funcionam. O mobiliário das salas deve ser estimulante e desafiador, para que as crianças possam mexer e eventualmente alterar a sua disposição, criando os seus próprios espaços. Todos os brinquedos devem ser adequados e mudados, conforme a criança vai crescendo para que esta possa estar em constante descoberta dos mesmos.

Estas alterações são fundamentais para estimularem a curiosidade da criança estimulando-as a abrirem-se ao novo, ao desconhecido, à descoberta do mundo que as rodeia.

O currículo e os princípios educativos são também algo que deve ser tido em conta pois a creche, não é apenas um sítio onde se deixa as crianças mas sim um local onde se educa e estimulam as crianças. Neste sentido, Portugal (1998, p.204) fala sobre o currículo dizendo que em creche as características dos currículos têm de ser diferentes das do jardim de infância, devido à idade das crianças, pois em creche as dimensões cognitivas não podem ser separadas das afetivas e sociais, ao contrario do que é feito em jardim de infância que os programas são mais escolarizados e desapropriados para as crianças de creche.

Com os mais pequenos o mais apropriado é fazer um currículo baseado em tudo o que acontece ao longo do programa promovendo a alegria e bem estar das crianças tendo sempre em conta a satisfação das suas necessidades.

O currículo é uma ferramenta importante para que os educadores tenham uma ideia do que devem fazer com as crianças e para que todas estejam ao mesmo nível, ou seja para que não existam grandes discrepâncias de creche para creche, promovendo o desenvolvimento adequado das crianças mais pequenas.

Segundo Portugal (1998):

Muitos educadores questionam-se relativamente ao significado de educar uma criança com menos de 3 anos de idade. Gonzálvez-Mena e Eyer (1989) empenharam-se em mostrar como as relações que se estabelecem com um bebé na creche vão muito além de uma relação custodial, representando uma verdadeira relação educativa. O respeito pela criança é o fundamento da perspectiva que adoptaram e que se liga aos princípios que norteiam toda a sua metodologia. Enfatizam a dignidade da criança através do envolvimento e *quality time*, independência na movimentação, exploração e resolução de problemas. Os adultos são os educadores e as crianças desenvolvem-se através das diferentes interações, atividades, cuidados e jogo. É um modelo que salienta as necessidades da criança à medida que se desenvolve: ligação afetiva, auto-estima, desenvolvimento sensório-motor, conhecimento, linguagem, etc. O adulto está constantemente disponível e a expressão *quality time* mostra bem o tom geral do ambiente que é preconizado. (p.205)

Estes autores que são citados por Portugal falam sobre um modelo de abordagem à creche que promove aquilo que a criança mais necessita para o seu desenvolvimento. Pareceu-me uma abordagem bastante interessante que revela o respeito que se deve ter pela criança assim como mostra a importância das relações entre educador e criança.

Uma outra abordagem que Portugal (1998, p.207) refere diz respeito à forma como a dimensão pessoal valoriza a relação criança adulto, considera que são bastante relevantes todas as atitudes do educador com a criança e como estas as afetam isto é, os educadores devem ser muito atentos à criança, escutando constantemente e interagindo com ela, dando-lhe aquilo que ela necessita de uma forma rápida, aliviando o seu sofrimento e angústia.

As relações positivas são aquelas baseadas no afeto, simpatia e respeito, pela criança e pela sua individualidade. É importante que o educador saiba estimular a curiosidade das crianças para que elas possam vir a ser mais

autônomas e independentes, falando com elas, utilizando o gesto e a mímica, assumindo-se plenamente como mediador das aprendizagens.

No que diz respeito à dimensão ambiental desta abordagem a autora refere que esta dimensão diz respeito à maneira como o ambiente pode impulsionar ou restringir a criança no jogo e nas suas interações com os outros, bem como pode facilitar ou não as rotinas e a manutenção dos equipamentos. Esta dimensão inclui a organização espacial da sala, considerando os brinquedos como fundamentais no que diz respeito ao ambiente, pois facilitam a aprendizagem e estimulam a curiosidade. Estes brinquedos devem ser apropriados para a faixa etária das crianças.

Considero que esta abordagem é bastante interessante e que todos estes aspetos nos surgem sempre em função da criança e da promoção do seu desenvolvimento saudável e apropriado.

Podem existir diversas abordagens e modelos para guiarem o educador de creche, mas para mim o mais importante é que o próprio educador conheça as diversas abordagens e siga a que melhor promove o desenvolvimento do seu grupo de crianças e a que melhor se adequa à sua personalidade.

1.5. Importância da relação entre a Creche e a Família

Considero que é bastante pertinente para o tema em estudo falar um pouco sobre a importância da relação entre a creche e a família, já que uma criança pertence a uma determinada família, ou seja aprende os costumes, tradições e hábitos da sua própria família, fazendo parte da mesma. Para melhor compreendermos uma criança, precisamos de compreender a sua família, bem como o seu ambiente.

Hoje em dia cada vez há uma maior procura de creches e berçários para deixar as crianças, pois a maior parte das mães trabalham e depois do período de licença de maternidade têm de arranjar um sítio onde possam deixar os seus filhos.

Portugal (1998, p.183) fala-nos sobre o momento de separação quando os pais têm de deixar os seus bebés aos cuidados de outra pessoa ou de uma instituição, “A partir do momento em que o bebé é confiado a alguém que não os pais as interações com estes tornam-se mais limitadas. O bebé perde os seus pontos de referência e daí uma certa desorganização, inquietude, se não mesmo angústia e sofrimento.” Esta fase de separação é complicada para pais, bebé e também para o educador, pois nos primeiros meses, como é referido por Portugal (1998, p.183) a criança pode manifestar alterações nos ciclos de sono, perturbações na alimentação, e mostrar-se mais agitada. Truchis (1988) citado por Portugal (1998,p.183) “considera que as dificuldades da criança são menores se lhe é permitido um conhecimento progressivo da pessoa que se ocupará dela, sendo o adulto alternativo experienciado como próximo da mãe, seu representante ou de alguma forma em continuidade da mãe. A criança poderá então estabelecer novos pontos de referência e desenvolver dupla interiorização: as imagens parentais e a imagem da pessoa que a acolhe.”

Portugal (1998, p.185) fala sobre a análise das sequências da separação e da reunião entre a criança e os seus pais demonstrando a necessidade da organização das relações complexas isto é, quando a criança é deixada aos cuidados de um terceiro é importante que esta estabeleça uma relação de segurança com este terceiro que pode ser a educadora, esta relação não compromete a relação inicial da criança com os pais.

Pierrehumbert e Robert-Tissot (1988) citados por Portugal(1998):

Ora, as inversões, alternâncias, recusas relacionais que se revelam na análise dos comportamentos põem em evidência a dificuldade de estabelecer tais relações. A única maneira de a criança lidar com esta situação de forma positiva reside na criação de uma aliança de confiança entre os 3 elementos do triângulo que são o bebé, a mãe e a educadora. A base de segurança materna é indispensável, permite a separação, a abertura ao mundo exterior, mas não é suficiente. É importante estabelecer novas relações e isto só pode ser feito no quadro de aliança onde, contrariamente a certas crenças que ainda prevalecem, ninguém é substituível, cada um desempenhando relações e papéis sociais próprios. (p.185)

Considero que esta citação expressa a importância entre a creche e a família pois é essencial que a família e a creche tenham uma boa relação para que em conjunto permitam à criança ter o melhor desenvolvimento possível tanto em casa como na creche.

Capítulo II. Metodologia de investigação

Quando se realiza uma investigação, a sua metodologia é caracterizada como a via para o desenvolvimento e concretização dos objetivos.

Este capítulo será subdividido em 4 subcapítulos, a abordagem qualitativa, os instrumentos de recolha de dados, a análise dos dados e o cronograma. Ao logo deste capítulo será feita a justificação das opções metodológicas que foram utilizadas na realização deste trabalho.

2.1 Abordagem qualitativa

No que diz respeito às investigações no campo da educação, podem ser utilizadas diferentes metodologias para as mesmas.

O processo de escolha da metodologia mais apropriada, deve ser feito consoante a natureza do problema a ser estudado. Desta forma, achei que para a temática deste relatório, a metodologia mais apropriada seria a perspetiva qualitativa. Esta é a perspetiva mais utilizada em educação devido ao seu caráter subjetivo, e também por ser a que observa e participa no ambiente natural onde o sujeito se encontra. Esta investigação tem como objetivo interpretar e compreender a realidade, vivida e experienciada pela criança ou grupo de crianças a partir da maneira como agem e se expressam.

Bogdan & Biklen (1994) referem que:

(...) a expressão “investigação qualitativa” não foi utilizada em ciências sociais até ao final dos anos sessenta. Utilizamos a expressão qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. (p.16)

No que diz respeito às características deste tipo de investigação Bogdan & Biklen (1994) dizem:

(...) a investigação qualitativa possui cinco características. Nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patenteiam estas

características com igual eloquência. Alguns deles são, inclusivamente, totalmente desprovidos de uma ou mais das características. A questão não é tanto e de se determinada investigação é ou não totalmente qualitativa: trata-se sim de uma questão de grau. Como referimos anteriormente, os estudos que recorrem à observação participante e à entrevista em profundidade tendem a ser bons exemplos. (p.47)

Passarei agora a enumerar e a explicar cada uma dessas características segundo estes autores:

“1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, consistindo o investigador o instrumento principal.” (1994, p.47)

Para que uma investigação qualitativa seja bem sucedida o investigador terá de recolher os dados em ambiente natural. A sua observação é muitas vezes participante e os fenómenos observados devem acontecer de forma natural e espontânea.

O investigador pode utilizar diferentes instrumentos de recolha de dados como, vídeo, áudio, entrevistas, ou um simples bloco de notas, sendo que estes instrumentos devem ser depois analisados e interpretados. Neste caso o instrumento de recolha de dados que inicialmente utilizei foram as notas de campo, que serão descritas mais à frente, mas mais tarde, ao longo do estudo percebi que seria mais produtivo para o meu tema utilizar também entrevistas de forma a completar este trabalho.

Os investigadores qualitativos estão sempre no ambiente natural para que possam compreender o contexto em que as ações decorrem, o que é bastante importante, pois há fatores ambientais que condicionam certas ações.

“2. A investigação qualitativa é descritiva.” (1994, p.48)

Os investigadores qualitativos recolhem os seus dados em forma de palavras e não de números utilizando diferentes recursos, quer sejam imagens, notas de campo, vídeos ou outros. Esta descrição em forma de palavras faz com que estes estudos sejam ricos e minuciosos, mantendo a sua forma original. Para estes investigadores todos os detalhes do meio envolvente e da situação são importantes pois cada um destes elementos pode ser a razão para aquele determinado comportamento.

“3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (1994, p.49)

Nesta característica o investigador tem como objetivo estudar um determinado processo e não o seu resultado. Quando um investigador qualitativo investiga um determinado caso a sua atenção incide sobre as atividades e a forma como estas decorrem no quotidiano, afastando a sua atenção dos efeitos que as mesmas terão.

“4. Os investigadores tendem a analisar os seu dados de forma indutiva.” (1994, p.50)

O objetivo de um investigador qualitativo não é o de formular hipóteses mas sim através da recolha e interpretação dos dados recolhidos chegar a uma “verdade” geral. Contrariamente ao que os investigadores quantitativos que utilizam um método baseado na dedução dos dados enquanto que os qualitativos o fazem de forma indutiva.

“5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.” (1994, p.50)

Um investigador qualitativo, deve procurar compreender, além do meio e contexto que observa, também a personalidade dos participantes. Com este conhecimento passa a perceber como estes pensam e agem perante determinadas questões do seu estudo. Sendo este conhecimento de extrema importância para o investigador, pois quando os observa tem em conta o contexto em que as situações acontecem bem como as interações entre os envolvidos nas mesmas.

Segundo Afonso (2005, p.14) “Na realidade, a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade”

Com já referi anteriormente este trabalho assenta na metodologia qualitativa, baseando-se nas cinco características definidas por Bogdan e

Biklen (1994). Esta investigação foi desenvolvida numa creche em Lisboa durante o ano letivo 2013/2014.

O trabalho de campo decorreu na sala dos 2 anos, em ambiente natural, com um pequeno numero de crianças, cerca de 14. Sendo que esta investigação foi desenvolvida na sequência deste relatório final, eu assumi o papel de investigador, neste caso, participante e onde recolhi os dados sob forma de notas de campo, como já referi mais tarde mostrou-se importante realizar entrevistas a educadores de forma a tornar este estudo mais completo e significativo.

2.2 Instrumentos de recolha de dados

São vários os autores que falam sobre os instrumentos de recolha de dados, e sobre a observação, pois é através desta observação que os instrumentos de recolha de dados tomam forma, sendo a observação também um instrumento de recolha de dados.

Afonso (2005, p.91) refere que “ A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos (...).”

Ou seja mais uma vez é referida a importância da observação nas investigações qualitativas, sendo que esta observação deve ser realizada em ambiente natural, tendo em conta o ambiente, os participantes e a sua personalidade.

A observação direta e participante é um tipo de observação onde o investigador é um interveniente ativo, interagindo com os participantes do estudo. Neste caso, em que eu fui a investigadora, também foi uma observação participante, pois eu interagiu bastante com as crianças, que foram os participantes deste estudo. Também realizei entrevistas com 4 educadoras, o

que faz das mesmas participantes do estudo em decurso juntamente com as crianças já referidas.

Neste tipo de investigação o investigador é o instrumento principal da investigação, sendo ele participante e recolhendo também os dados, para a investigação. O fruto da observação participante neste estudo foram apresentados como notas de campo e também entrevistas com as educadoras.

2.2.1 Notas de campo

Parece-me pertinente neste subcapítulo caracterizar assim as notas de campo, já que foi o instrumento que inicialmente escolhi para a recolha dos dados, sobre o estudo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994) :

Depois de voltar a cada observação, entrevista ou qualquer outra sessão de investigação, é típico que o investigador escreva, de preferência num processador de texto ou computador, o que aconteceu. Ele ou ela são uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, actividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem. Isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo. (p.150)

Relativamente à caracterização das notas de campo, estas devem ser redigidas fazendo referência apenas ao que o investigador ouve e vê no momento em que decorre a observação, sem que estejam presentes juízos de valor, fazendo uma observação o mais imparcial possível da situação.

As notas de campo dever ser constituídas por três partes distintas que são as seguintes:

A primeira parte da nota de campo diz respeito à descrição do acontecimento, que deverá conter apenas aquilo que foi observado, utilizando muitas vezes o discurso direto para ser redigida.

A segunda parte diz respeito à inferência, onde o investigador escreve o que sentiu perante a situação, fazendo assim a ponte entre a sua visão

imparcial que diz respeito à descrição e entre aquilo que sentiu ou pensou no momento em que a ação decorreu.

A terceira parte das notas consiste no comentário sobre a situação ou a fundamentação teórica da mesma em que o investigador procura informações sobre a situação que não tinha conhecimento no momento em que esta decorreu. Seja procurando junto do educador, neste caso, mais informação sobre a situação ou em livros sobre autores de referência que possam fornecer um esclarecimento adicional ao investigador sobre determinado acontecimento.

2.2.2. A entrevista

Segundo Morgan (1988) citado por Bogdan e Biklen (1994, p.134) “ Uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra”

A entrevista é muito importante numa investigação pois permite ao investigador, ter um diálogo tranquilo com o sujeito, este deve surgir de forma natural assim como as perguntas que o entrevistador pretende ver respondidas pelo entrevistado. O investigador tem então a oportunidade de esclarecer as suas dúvidas e questões sobre o problema que investiga, podendo assim compreender melhor a linha de pensamento do entrevistado bem como as suas certezas e motivações.

O método que adotei para realizar as entrevistas seguiu a linha orientadora de entrevistas semi-dirigidas. Este tipo de entrevistas requer que o entrevistador no início oriente a linha de pensamento do entrevistado, dirigindo a sua linha de pensamento e deixando fluir a entrevista de forma a que as questões possam ser respondidas de forma natural e sem que o entrevistador influencie o entrevistado.

A função deste tipo de entrevistas é obter a visão global que o entrevistado tem do tema em estudo bem como alguns aspetos da sua personalidade que são igualmente importantes.

2.3 Análise de dados

O processo pelo qual a recolha de dados vai ser examinada e avaliada, através de processos científicos e métodos específicos é denominado de análise de dados.

Encontrei em Bogdan e Biklen (1994) o que para os mesmos significa a análise dos dados, passo a citar:

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, a divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros. Em última análise, os produtos finais de investigação constam de livros, artigos, comunicações e planos de ação. A análise de dados leva-o das páginas de descrições vagas até estes produtos finais. (p.205)

No presente estudo, os dados serão numa fase primária organizados e seguidamente categorizados consoante as informações e conteúdos que poderão surgir, agrupando-os de forma a facilitar a sua análise. Após este processo será feita uma interpretação dos dados de forma a chegar a conclusões sobre o estudo, passando de meras descrições para a construção de novos conhecimentos sobre a temática em estudo.

2.4 Cronograma

Após a metodologia a utilizar estar definida, bem como o objeto de recolha dos dados para a investigação estar determinado, parece-me pertinente que as fases da investigação sejam identificadas e determinadas neste momento da investigação. Estas fases serão apresentadas sob a forma de cronograma.

Meses	jan.	fev.	març.	abr.	mai.	junh.	julh.	agst.	set.	out.	nov.	dez
Etapas												
Elaboração da proposta de projeto												
Pesquisa / revisão bibliográfica												
Escolha da metodologia												
Recolha e análise de dados												
Conclusões												
Impressão e entrega												

Capítulo III. Análise interpretativa dos dados

No capítulo anterior expliquei através de uma citação de Bogdan e Biklen (1994) o que era a análise de dados, para os autores, a análise de dados é definida como sendo um método de busca e organização que se repete, seja pelo meio de entrevistas, notas de campo ou de outro tipo de técnica de recolha de dados. O objetivo deste processo é saber mais sobre um determinado assunto, tentando compreender aquilo que foi recolhido e mais tarde apresentar aos outros aquilo que foi encontrado e descoberto.

Este capítulo é dedicado à análise interpretativa dos dados que foram principalmente as entrevistas uma vez que as notas de campo não se revelaram muito significativas para o presente estudo. Desta forma ao longo deste capítulo irei analisar as 4 entrevistas realizadas a 4 distintas educadoras de creche.

Com o intuito de facilitar a análise interpretativa dos dados passo a enumerar as 4 questões que foram feitas às entrevistadas, que serão as categorias que emergiram das mesmas entrevistas, são elas:

1. O papel do educador(a) em creche
2. Como valoriza a relação entre o(a) educador(a) e a criança
3. As estratégias que utiliza para promover essa relação
4. Importância entre a creche e a família

Depois de categorizadas, passo à análise das entrevistas semiestruturadas para que, desta forma, seja mais fácil a compreensão das mesmas.

1. O papel do educador em creche

Howes e Hamilton(1992) citados por Portugal (1998, p.181) “verificaram que as crianças classificadas como tendo uma relação segura com o educador experienciavam um maior envolvimento deste na interação.”

Todas as educadoras entrevistadas consideram que o seu papel em creche é de grande importância, e cada uma delas refere as suas razões e as suas opiniões sobre esta primeira pergunta.

Através da entrevista realizada as educadoras em que a primeira pergunta diz respeito ao papel do educador em creche a **educadora 1** refere que “Acho que é importantíssimo, porque isto não é um lugar para entreter crianças, é um lugar para promover o desenvolvimento (...).” A **educadora 1** é a única que refere a importância da formação das educadoras, “Para promover o desenvolvimento é preciso que as pessoas que estão saibam o que estão a fazer e para saber o que estão a fazer têm de ter estudado alguma coisa e pensado naquilo que estudaram. (...)” Ainda a propósito da formação que as educadoras devem ter na valência de creche a educadora diz que “(...) uma coisa é ter lá crianças que comem e dormem e se entretêm com brinquedos durante o dia e outra coisa é saber o que se está a fazer, desde que se pega neles ao colo, o que é que se pode estimular, o que é que se pode fazer, que tipo de relação é que se pode ter, que mimo se pode dar, tudo isto implica um bocadinho mais de conhecimento do que propriamente tomar conta só.(...)”

Nos dados recolhidos na entrevista relativamente à primeira pergunta a **educadora 2** esta refere que, “Essencialmente nesta fase é dar-lhes instrumentos para que eles possam desenvolver uma serie de aptidões necessárias para o seu desenvolvimento global.”, “(...) o papel do educador é criar um ambiente seguro onde eles se consigam desenvolver.” A **educadora 2** é a única a referir a importância dos sentidos dizendo que “ Nesta fase eles desenvolvem-se principalmente através dos cinco sentidos e nós devemos promover experiências onde eles possam desenvolver essas aptidões todas.”

A **educadora 3 e a educadora 4** referem que em creche a educadora é quase como uma mãe.

A **educadora 3** diz o seguinte: “ O papel do educador em creche é um papel de orientar, papel de modelo, papel de conduzir a criança, ao seu desenvolvimento ao longo de tudo aquilo que vai conseguindo, das rotinas que são incutidas, em sala de aula no dia a dia, é a segunda mãe, em creche é quase isso.”

A **educadora 4** refere-se ao papel do educador em creche dizendo que, “Em creche temos um papel um bocadinho de pais, porque eles quando largam os seus pais, principalmente a mãe, vêm muito cedo para perto de nós, embora eu ache que quando as crianças quando vêm muito pequeninas, por exemplo com cinco meses, não têm muita angustia da separação, o corte que é feito não é assim muito violento.” “(...) é um papel muito importante até porque as crianças passam muito tempo connosco, não só porque não têm tanta capacidade de aquisição de conhecimentos formalizados, mas tudo aquilo que nós lhes passamos é importantíssimo. O cuidar, o mimar, a linguagem que temos com eles...é um papel fundamental.”

Todas as educadoras entrevistadas revelam a importância do seu papel com crianças de creche, cada uma dando a sua opinião diferente sobre o mesmo mas todas o consideram bastante importante, citando Portugal (1998, p.198) “O educador deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através de atenção, gestos, palavras e atitudes.”

2. Como valoriza a relação entre o(a) educador(a) e a criança

Como já referi anteriormente no capítulo do enquadramento teórico a relação entre a criança e o educador é algo fundamental, Portugal (1998, p.179) fala-nos sobre a relação da criança com o educador dizendo que “(...) uma das condições primordiais na proteção da saúde mental da criança reside no esforço constante para evitar modificações repetidas das pessoas que cuidam da criança e por consequência contactos superficiais e impessoais.” Ou seja é preciso a pessoa que está com a criança de creche seja alguém que

consiga criar uma relação de segurança e confiança com as crianças, e que seja alguém que esteja lá para elas quando estas precisam.

Nas entrevistas que fiz a **educadora 1** foi a única que referiu a importância de estabelecer uma relação com as crianças e trabalha-la diariamente, dizendo o seguinte: “ A relação entre a educadora e a criança é mais ou menos a joia da coroa, se não houver relação entre a educadora e a criança, então o que há? Não há nada...tudo passa por aí, agora não é óbvio, não é óbvio que pôr uma criança e uma educadora numa sala ou pôr um grupo de crianças e uma educadora que haja essa relação, não é óbvio! Aliás hoje em dia uma das coisas que eu noto e que me preocupam, não só em relação às educadoras e às crianças, mas em relação às mães e aos pais, é que as pessoas são muito funcionais, as pessoas aprendem as coisas, têm material à sua disposição para estimular a inteligência, para pôr as crianças a funcionar, mas muitas vezes não passa pela relação, passa por funcionar, por funcionar bem, por organizar bem as atividades, por organizar bem as tarefas, por manter as crianças o dia inteiro ocupadas e até divertidas, porque é muito fácil ter crianças felizes numa escola, é a coisa mais fácil e mais básica do mundo.”, “(...)agora que o tempo que passam lá, que é precioso, sirva para alguma coisa para a vida deles, aí é que a porca torce o rabo, isso é que já distingue as pessoas e as escolas, é que esse tempo seja aproveitado de uma maneira que fique o cunho para a vida.” A educadora refere também, ainda sobre a relação, “Uma relação tem por base a confiança de parte a parte e essa confiança tem de se merecer e tem de se conquistar de parte a parte, não se pode ter alunos numa aula e pensar que eles confiam em nós e que nós podemos fazer o que quisermos para bem deles, ainda que seja para bem deles e que essa confiança está na base, não essa confiança é conquistada, (...)”

É interessante verificar que a **educadora 1** foi a única a fazer uma clara distinção entre funcionalidade e relação, pois como a mesma refere, em sala de aula pode funcionar tudo bem com as crianças e estas serem felizes e no entanto não haver propriamente uma relação entre a educadora e as crianças o que não é o objetivo da educação pré escolar muito menos em creche.

A **educadora 2** também valoriza a relação entre a educadora e a criança dizendo: “É o mais importante, se a criança não se sente bem, não se sente segura, a criança não se desenvolve e para a criança se sentir bem e segura tem de haver um trabalho por parte do educador, e não só, porque aqui também há o auxiliar que está sempre em sala, de lhes proporcionar um ambiente seguro, onde eles se sintam seguros e possam explorar, se a criança não se sente bem e tem medo não vai explorar, não vai fazer nada.”

A **educadora 3** também considera importante e valoriza a relação entre a educadora e a criança, “Valorizamos com tudo o que sejam afetos, carinhos, e toda a relação que é estabelecida e principalmente antes disso devemos estabelecer uma boa relação com os pais para depois a criança também sentir a segurança e confiança que os pais têm na escola para que depois também se sinta segura cá com os adultos na sala.”

A **educadora 4** diz-nos que “A relação é estabelecida quase no primeiro impacto, assim que nós conhecemos a criança ou assim que a família nos apresenta a criança, a relação é estabelecida, nem sempre a criança aceita vir para o colo ou dar um sorriso ou ter um comportamento mais favorável, mas essa relação é estabelecida a toda a hora e todos os dias, como disse na resposta anterior, é connosco que eles passam a maior parte do tempo e é uma relação que tem de ser fortalecida diariamente, a toda a hora. tem de ser uma relação de segurança e de confiança essencialmente.

Nesta questão todas as educadoras entrevistadas revelam que é importante criar uma relação de confiança e segurança com as crianças e que esta relação é fundamental para o trabalho enquanto educadoras e que devem trabalhar nesta relação com as crianças. No entanto foi interessante verificar que enquanto a **educadora 1** nos diz que: “(...)não é óbvio que pôr uma criança e uma educadora numa sala ou pôr um grupo de crianças e uma educadora que haja essa relação, não é óbvio!” a **educadora 4** refere que: “A relação é estabelecida quase no primeiro impacto, assim que nós conhecemos a criança(...)”

3. As estratégias que utiliza para promover essa relação

Como já referi no capítulo do enquadramento teórico é muito importante que a educadora e a criança estabeleçam uma relação, em que tenha por base a confiança e a segurança, para que a criança se possa desenvolver em pleno. Para fortalecer e estabelecer esta relação há estratégias que as educadoras utilizam para promover esta relação com as crianças.

A **educadora 1** a propósito da relação diz que, “(...) isto é uma coisa que se trabalha, que se conquista e a confiança, eu acho que tem a ver muito com a nossa disponibilidade e com o nosso tempo, para estar, para ouvir, para dedicar, porque se tivermos sempre a funcionar mal, a organizar as coisas muito bem organizadas, a por muitas atividades, a gerir as atividades não há espaço para essa confiança se estabelecer, nem para a relação se consolidar. É preciso estarmos parados, é preciso estarmos sentados, é preciso eles estarem ao nosso colo, é preciso ouvi-los quando eles precisam de dizer coisas...essa é a parte difícil desta profissão e é também a única parte que vale a pena, (...) os educadores novos têm que ter isso na cabeça, têm de ter na cabeça que o trabalho deles tem que tender para terem mais disponibilidade, para estarem mais à vontade, para estarem dentro do grupo, para não se preocuparem tanto com a organização e com as limpezas, nem com a sucessão de atividades, nem com a variedade das atividades, não, tudo isto são meios, não é o fim do nosso trabalho, são meios e portanto têm que tender para estarem mais disponíveis para as crianças que isso no fundo é o que interessa.” Esta educadora diz ainda sobre as estratégias que, “(...) o bom de estar há muito tempo é isso, é essa conquista de podermos estar, se for preciso, uma manha inteira só disponíveis para eles e eles organizarem-se, porque eles depois quanto menos nos organizamos, mais eles se organizam o que é positivo, quanto menos nós fazemos para lhes facilitar a vida, mais autónomos eles se tornam, portanto isso também é positivo.”

A **educadora 1** é a única que fala sobre a importância de estar parada e disponível para as crianças, para que elas possam vir ter consigo e falem sobre o que quiserem e sintam que a educadora está ali para o que elas precisarem, dando-lhes segurança e confiança.

A **educadora 2** também refere as estratégias que utiliza para promover a relação com as crianças, “Nesta fase, a brincadeira com eles, o participar nas brincadeiras com eles, logicamente que há os momentos em que eles precisam de ter regras e é extremamente importante eles começarem desde a creche a ter regras, mas também é muito importante eles sentirem o carinho, o afeto nesta fase porque muitos deles esta fase é a primeira, para muitos deles que estão aqui é o primeiro contacto com a escola, estão habituados a estar em casa com os pais ou com familiares, e têm de sentir esse ambiente aqui, esse ambiente familiar onde eles podem estar á vontade.” A educadora refere ainda que; “ As regras e as rotinas diárias também são formas de lhes dar essa segurança, as regras são importantes para eles anteciparem o que lhes dá segurança, dá-lhes autonomia (...)

A **educadora 2** é a única que fala sobre a importância de participar nas brincadeiras com as crianças para promover a relação entre ela e as crianças.

A **educadora 3** diz algumas das estratégias que utiliza para promover a relação com a criança, “(...) em primeiro lugar incentivar os pais a sentirem-se seguros para depois a criança também se sentir segura, olhá-la sempre nos olhos é uma das questões que deve estar sempre focada, na relação que a criança deve ter com o adulto, descer ao nível deles, rastejar, agachar-se, ter uma voz mais ténue possível, mas quando é preciso também impor as regras e os limites que eles também já vão percebendo e vão se incutindo esses limites.”

A **educadora 4** também refere algumas das estratégias que considera importantes, “(...) nunca devemos arrancar a criança do colo que nos vem entregar, devemos sempre esperar que esse ato seja feito com tranquilidade, que a criança possa passar com muita calma do colo de quem chega ou da mão de quem chega para a nossa mão, porque é importante que se sinta, que está connosco, mas aquela pessoa que a trouxe e que é uma referência há de chegar para a vir buscar e que não é connosco que vai ficar para sempre, pelo menos não é aquele o suposto do que deve acontecer.(...) Mesmo em creche e mesmo sendo pequenos há crianças que têm dificuldade em se adaptar e em entregar-se.”

A **educadora 3** e a **educadora 4** falam na importância de estabelecer uma relação de confiança com os pais para ajudar a que as crianças se sintam seguras com elas.

Para as educadoras entrevistadas cada uma tem as suas estratégias a fim de promover a sua relação com as crianças, Portugal (1998, p.181) “Tanto a criança como o educador necessitam de tempo para se adaptarem um ao outro e aprenderem a descodificar os sinais e comportamentos do outro.”

4. Importância da relação entre a creche e a família

Como já referi no capítulo do enquadramento teórico, Branco (1998, p.183) cita Truchis (1988) que diz que as dificuldades da criança podem ser atenuadas se lhe for permitido ir conhecendo gradualmente a pessoa que irá ficar com ela, sendo que este adulto deve ser alguém em quem a mãe confie e seja quase como uma extensão dela própria. Desta forma a criança irá poder criar pontos de referência entre a mãe e o adulto que a irá acolher na ausência da mãe, podendo assim desenvolver uma dupla interiorização entre os pais e a pessoa que fica com ela na sua ausência.

Os dados recolhidos na entrevista da **educadora 1** revelam a sua opinião sobre esta questão dizendo que, “A relação entre a creche e a família (...) é importantíssima porque o nosso trabalho (...) é transitório demais se não meter a família, nós estamos um ano, dois anos, três anos com as crianças e isso na vida deles é uma pequena parte e das duas uma, ou fazemos o trabalho com as famílias e se pode perdurar durante muito mais tempo o trabalho, se tivermos cada um a trabalhar para o seu lado, dura o tempo que nós ali tivermos com as crianças e de facto as crianças não são nossos filhos, vão viver toda a vida com a família. (...) educar hoje em dia é muito difícil apesar de parecer que o mundo está feito para as crianças muito mais do que estava antigamente, eu acho que está mais difícil tanto para os pais como para as crianças. Primeiro eu acho que os pais perderam um bocadinho uma coisa que era fundamental que era a espontaneidade na educação, estão muito preocupados com o conhecimento, com o que leem, estão muito culpabilizados, querem fazer bem e não sabem como, não têm muito tempo,

trabalham muito, têm uma informação imensa e às tantas não sabem como gerir tanta informação não sabem para que lado se virar. (...) o educador tem a vantagem em que estudaram um bocadinho o assunto, têm experiência, vêm muitas crianças crescer e têm termos de comparação ou seja, não têm um filho nem dois, uma criança ou duas, que é o que eles têm em casa, e têm muitas o que é muito mais fácil para nós observarmos algumas coisas que para os pais que só têm um filho ou dois, mesmo em termos de preocupações com alguns problemas é muito mais fácil detetarem-se socialmente do que propriamente na família(...)”, “(...) se nós ganharmos a confiança dos pais (...) podemos chegar a uns níveis de conversação e de entendimento muito produtivos para ambos. (...) não temos de dizer tudo o que sabemos e tudo o que percebemos, só temos de dizer aquilo que achamos que vai ser útil para o desenvolvimento daquela criança o resto não interessa nada (...)”

A **educadora 1** é a única que fala sobre a dificuldade dos pais em educarem os seus filhos devido à falta de tempo e também na dificuldade de perceber determinados problemas que podem estar a passar-se com os seus filhos.

A **educadora 1** fala sobre a evolução das crianças de antigamente em comparação com as de hoje em dia dizendo, “(...) vejo a evolução das crianças e uma coisa que eu noto e que me preocupa muitíssimo hoje em dia é que está tudo feito para as crianças, está tudo adaptado às crianças, que parece uma coisa boa mas enquanto antes as crianças subiam degraus para ascender ao mundo dos adultos e adaptavam-se às coisas, hoje em dia o mundo dos adultos adaptou-se completamente às crianças e portanto as crianças têm zero de capacidade de adaptação. (...) é fundamental que eles desde a creche percebam que as coisas correm mal ou bem pela atitude deles porque se eles fizerem esta escolha e se fizerem de determinada maneira as coisas correm bem se fizerem outra escolha de determinada maneira tendem a correr mal (...). Portanto esse fortalecer é importantíssimo que nós partilhemos com os pais porque é muito difícil os pais perceberem por eles e quando percebem já é tarde e perceberem por eles o que é que faz uma criança fortalecida e o que não faz.”

Mais uma vez esta educadora é a única que fala destes problemas que começam a ser bastante comuns nos dias de hoje e é preciso que exista uma ajuda mutua entre família e creche para que as crianças possam ser mais felizes, autónomas e capazes de lidar com as dificuldades da vida, bem como as mudanças da mesma.

A **educadora 1** fala sobre educação dizendo, “(...) a educação é feita de coisas mínimas que são feitas todos os dias e ao longo dos dias e que sozinhas não têm importância nenhuma, todas juntas é que têm importância. (...) temos de saber qual é objetivo, porque assim falhamos hoje mas não falhamos amanhã porque sabemos onde é que está o caminho, portanto podemos nos desviar do caminho de vez em quando, não tem importância nenhuma, mas voltamos ao caminho porque temos um objetivo, (...) eu vejo que é difícil para os pais hoje em dia construírem esse objetivo.”

Esta educadora também falou a propósito das atividades extra curriculares em demasia dizendo, “ (...) deixem-nas em paz, deixem-nas um bocado sozinhas, deixem-nas chatearem-se que é a coisa mais importante que há, portanto só se cresce ou só se olha para dentro se a pessoa estiver sozinha se tiver a inventar brincadeiras...se tiver sempre entretida está sempre distraída e pode-se crescer distraído. (...) o nosso papel junto dos pais é tentarmos que eles percebam qual é a consequência de determinadas coisas a longo prazo, porque a curto prazo eles vêm, mas a longo prazo, eles preocupam-se que eles façam birras, as crianças têm de fazer birras e eles têm de fazer o papel deles e nós temos de fazer o nosso, eles têm de fazer birras e nós temos de dar o basta quando acharmos que é caso disso.”

Esta educadora faz referência a diversos problemas e toca em diferentes situações que mais nenhuma educadora o fez, estes problemas são bastante significativos e devem ser tidos em conta principalmente quando toca ao cuidado com crianças de creche, que são muito pequenas e precisam muito de apoio, carinho e dedicação por parte do adulto, ou adultos responsáveis. Um importante problema que a educadora fala é o facto de se ter um objetivo no que toca à educação para que se possa seguir esse caminho e em caso de se

cometer algum erro ao longo deste caminho de educação é fácil retomar o caminho certo pois o objetivo é claro e está estabelecido desde o início.

Os dados recolhidos da entrevista à **educadora 2** esta diz que, “A seguir à relação com a criança é a segunda coisa mais importante, porque principalmente nesta faixa etária se não houver um trabalho em conjunto com a família as coisas não funcionam, os pais também têm de se sentir seguros, têm de sentir que eles aqui estão bem e participarem, envolve-los, porque cada vez mais os pais se demitem da função de pais, a partir do momento em que os põe aqui de manhã, vão para o trabalho, esquecem e vão busca-los ao final do dia e quando criamos atividades e mesmo em termos de escola ou atividades que pedimos para eles fazerem em casa com os pais é sempre envolve-los na vida, (...) é uma maneira dos pais se envolverem na evolução deles e no processo de crescimento deles.”

A **educadora 2** faz uma importante referência que mais nenhuma faz, que é envolver os pais nas atividades que as crianças fazem, para que estes possam estar por dentro daquilo que as crianças fazem dentro da creche e para que também exista uma boa relação entre a creche a criança e a família que é fundamental principalmente em idades tão tenras.

A **educadora 3** diz que para si a relação entre a creche e a família, “Deve ser uma relação de muita confiança e de muita transparência, não só na escola, tudo o que se passa deve ser transmitido aos pais, mas muitas vezes os pais têm um papel, que nem sempre cumprem que é omitir algumas situações que se passam em casa com a criança, e que nem sempre têm aquela abertura de chegar à escola e transmitir e isso é muito importante que aconteça. Que haja esta relação entre o educador, a escola, alguém que eles encontrem dentro da sala, muitas vezes pode não ser o educador, pode ser o auxiliar que está mais tempo com as crianças e que muitas vezes o educador tem um horário mais reduzido, mas é importante eles criarem uma relação de confiança com algum elemento da sala para que a relação possa ser positiva.”

A **educadora 4** também considera a relação entre a creche e a família importante dizendo, “É sempre importante embora eu ache sempre que a

família é o primeiro patamar na educação e na formação da criança, e a creche está para apoiar e para ajudar naquilo que for preciso muitas vezes o que acontece, e principalmente agora é que as famílias têm tão pouco tempo que é quase o contrário, nós é que pedimos ajuda à família para que as situações se concretizem com a criança a nível do desenvolvimento. É sempre uma relação muito importante, convém que a família esteja sempre a par daquilo que se passa com a creche, que as pessoas que estão na creche estejam a par daquilo que a família considera importante e as informações que considerem importantes passar. Mas é óbvio que é uma relação fundamental que deve acontecer diariamente em conversas informais ou em conversas formais mas é uma relação que tem de ser construída diariamente, até porque para o desenvolvimento das competências da criança se não for assim não há outra forma e não é um trabalho bem conseguido.”

A **educadora 3** e a **educadora 4** têm ideias muito semelhantes nesta pergunta dizendo que a família é realmente muito importante e que deve existir uma boa relação entre a creche e a família, desta forma a criança poderá sentir-se segura e confiante se os pais também sentirem esta confiança e segurança na pessoa ou pessoas a quem entrega o seu filho.

Considerações finais

No início deste trabalho de investigação o tema surgiu de acordo com as motivações que foram já referidas na introdução deste estudo. Enquanto futura educadora achei importante estudar a relação entre as crianças e a educadora, pois passam tanto tempo juntos, estando, muitas vezes, mais tempo com as educadoras do que com os pais.

O meu objetivo era aprofundar teoricamente o desenvolvimento e perceber se os educadores valorizam a relação que constroem com as crianças promovendo o seu desenvolvimento sócio emocional, sabendo se este tempo que passam com as educadoras é realmente importante, nesta sequência surgiu o tema do trabalho, A educadora como promotora do desenvolvimento socio emocional da criança.

Na introdução foi definida a questão problema para este estudo, o papel do educador na promoção do desenvolvimento sócio emocional da criança na creche.

No decorrer do trabalho, li e pesquisei diversas obras de autores de referência sobre o tema a desenvolver, procurando aprofundar os meus conhecimentos sobre o mesmo. No decorrer deste processo e juntando também a vertente prática de observação ao longo do estágio e também na recolha e posterior análise dos dados, foi-me possível compreender e perceber a verdadeira importância do papel do educador na promoção do desenvolvimento sócio emocional da criança na creche.

Depois desta investigação e através da interpretação dos dados recolhidos, da observação realizada e cruzando estes dados com o que os autores de referência dizem sobre o tema, tive a possibilidade de comprovar que o educador tem em mãos o importantíssimo papel de promover o desenvolvimento sócio emocional da criança em creche e que não está sozinho neste objetivo, pois só em conjunto com os pais, numa verdadeira relação de partilha, este trabalho se torna produtivo e verdadeiramente significativo para as crianças.

No decorrer da análise dos dados, através da interpretação dos mesmos, tendo em conta todo o enquadramento teórico e seguindo a metodologia qualificativa encontrei diversas informações que me permitiram dar resposta à pergunta de partida, umas mais diretas que outras mas todas contribuíram para a resposta final.

Considero que é importante antes de dar resposta à questão problema que deu origem a este estudo, falar um pouco sobre os meus constrangimentos que foram surgindo. O primeiro está relacionado com o facto do estágio de creche ter sido o meu primeiro estágio nesta valência, e de a sua duração ter sido de apenas 6 semanas. O segundo prende-se com o facto de a minha primeira opção de recolha de dados ter sido as notas de campo que mais tarde, já no decorrer do estudo, não se revelaram suficientemente significativas para o meu tema, pelo que tive de fazer entrevistas a educadoras de forma a completar a informação e fortalecer a análise dos dados e também conseguir dar resposta à questão problema.

Considerando a questão problema, O papel do educador como promotor do desenvolvimento sócio emocional da criança em creche, cruzando as informações recolhidas nos autores de referência com a análise interpretativa dos dados recolhidos sob a forma de entrevistas, posso afirmar que segundo as diferentes respostas das educadoras a uma pergunta semelhante durante a entrevista, estas referem que o seu papel é importantíssimo pois é preciso que as educadoras tenham formação adequada para cuidar de crianças de creche e saibam o que estão a fazer sempre que pegam numa criança ao colo, sabendo o que podem estimular na criança com aquele ato. Também o simples ato de mudar a fralda, pode transformar-se num grande momento de relação, pode ser um estímulo para a criança descobrir o seu corpo ou simplesmente um momento lúdico, bom e divertido. Como a **educadora 1** refere “(...) desde que se pega neles ao colo, o que se está a estimular, o que é que se pode fazer, que tipo de relação é que se pode ter, que mimo é que se deve dar, tudo isto implica um bocadinho mais de conhecimento do que propriamente tomar conta só.” As rotinas são importantes por isso mesmo, para que as educadoras estimulem diferentes aprendizagens nas crianças, como o momento de cantar algumas musicas, estimulando a memória, a linguagem; o momento da

brincadeira, com alguns jogos lúdicos e puzzles simples, as atividades plásticas, estimulando o sentido estético, bem como a motricidade fina, entre tantos outros pequenos gestos, jogos e atitudes que as educadoras fazem com objetivos concretos, pois sabem que são importantes para o desenvolvimento das crianças.

Considero também muito importante que as educadoras saibam como se relacionar com as crianças para que elas se sintam bem e seguras, confiantes para descobrirem o mundo a sua volta e explorem tudo o que quiserem dentro e fora da sala, como refere a **educadora 1** “Uma relação tem por base a confiança de parte a parte e essa confiança tem de se merecer e tem de se conquistar de parte a parte (...)”

Em suma, perante os dados recolhidos e analisados cruzados com a informação contida no capítulo do enquadramento teórico, é-me possível afirmar que o papel do educador é muito importante no que toca ao desenvolvimento sócio emocional das crianças de creche, pois este dá as ferramentas necessárias às crianças para que elas possam desenvolver as capacidades que têm dentro de si e que com a ajuda do educador, que com carinho e de forma lúdica guia as crianças para o caminho do seu crescimento social e emocional.

Perante todos estes dados, é também importante referir que uma criança na valência de creche ainda está extremamente ligada à família, e sem o contributo da família é muito difícil um educador promover sozinho o desenvolvimento sócio emocional da criança, Branco (2010) diz a propósito de família:

“ (...) um projecto de sociedade só terá futuro quando organizado à volta do interesse pela criança, interesse apenas cumprido quando a família, «sempre em evolução no seu conceito e estrutura mas que nunca poderá desaparecer sob pena do desaparecimento da própria civilização», for o seu lugar natural de amor e educação.”
(p.353)

Perante os conhecimentos teóricos que estão no enquadramento teórico, são vários os autores que remetem para a importância da família principalmente com crianças mais pequenas, pois ainda estão muito

dependentes desta para tudo, e para um educador de creche é fundamental estabelecer também uma boa relação com os pais das crianças para que também eles se sintam seguros com o educador e passem essa segurança aos seus filhos. Mas também para isso é preciso construir e trabalhar essa relação de parte a parte e a **educadora 1** faz referência a isso mesmo dizendo o seguinte: “ Depois de ganharmos a confiança dos pais, podemos chegar a níveis de conversação e de entendimento que são muito produtivos para ambos.”

As entrevistas que realizei mostraram-se muito importantes e interessantes no que diz respeito ao que as educadoras pensam sobre a relação entre elas e as famílias das crianças de creche e há pequenas coisas que são ditas que me fizeram pensar e refletir principalmente na educadora 1 que refere algo que achei bastante interessante e curioso, passo a citar “(...) temos de saber qual é o objetivo, porque assim falhamos hoje, mas não falhamos amanhã, porque sabemos onde é que está o caminho, portanto podemos nos desviar do caminho de vez em quando, não tem importância nenhuma, mas voltamos ao caminho porque temos um objetivo, se não tivermos um objetivo é mais difícil, eu vejo que é difícil para os pais de hoje em dia construírem esse objetivo.”

Considero que esta informação dada por esta educadora devia estar presente em cada um de nós, ter um objetivo a longo prazo na educação das nossas crianças, enquanto educadores, ou para os nossos filhos enquanto pais, é a condição *sine qua non* para uma boa educação, uma educação que dê a possibilidade às crianças de se desenvolverem mais saudavelmente, podendo caminhar no sentido de se sentirem bem com a vida.

Um bom planeamento da educação em creche não significa que existam atividades a toda a hora, mas sim que as mesmas sejam feitas com objetivos específicos e que as crianças tenham tempo para as desenvolverem ao seu ritmo, fazendo com que estas sejam mais ricas e produtivas para o seu desenvolvimento.

Ao longo deste trabalho fui-me apercebendo da complexidade dos conceitos abordados, como a relação entre a criança e o educador, a relação entre a família e a creche, a importância da creche entre outros. Estes são conceitos que muitas vezes não lhes é dada a verdadeira importância, pois muitas vezes são tomados como certos e garantidos, e nada está garantido muito menos o que diz respeito às relações entre as pessoas, pois estas devem ser trabalhadas mutuamente, de parte a parte, como já foi referido anteriormente.

Muitas vezes por se pensar que este tipo de conceitos e mesmo de relação estão garantidas, os pais e educadores podem cair no erro de assumir que não precisam de fazer nada para que estas se mantenham ou mesmo que sejam positivas. A verdade é que não é por duas pessoas estarem juntas num mesmo espaço que automaticamente vão desenvolver uma relação, é preciso trabalho e estratégias para que isto seja possível e significativo para as duas partes implicadas, este facto é verdade na relação entre a educadora e a criança, entre a educadora e os pais, entre os pais e os filhos, é verdade sempre que se fala na construção de uma relação.

Quando iniciei este trabalho de investigação já tinha em mente que o trabalho do educador teria de ser bastante importante como promotor do desenvolvimento sócio emocional da criança em creche mas agora que me encontro nas considerações finais, posso tomar consciência que aquilo que eu pensava está muito aquém da real importância que o educador tem na vida das crianças. Um educador que tenha gosto e tenha noção da sua importância na vida das crianças será com certeza um educador que irá promover o desenvolvimento sócio emocional das crianças, valorizando a importância da família neste processo, utilizando estratégias e atividades que as crianças gostem e se interessem, partindo sempre da criação de um ambiente que seja calmo, seguro e que permita a criança soltar-se e explorar tudo o que lhe suscite interesse e curiosidade.

Este trabalho levou-me a questionar tantas outras coisas que inicialmente não me eram conhecidas, como por exemplo, se as educadoras de creche não deviam ter uma formação especial para saberem como lidar com

crianças tão pequenas, sabendo que estas têm necessidades que as crianças de jardim de infância já não têm tanto? Será que as educadoras formadas têm consciência da importância que têm na vida das crianças? Daqui poderia fazer tantas outras perguntas que me suscitaram interesse no decorrer deste trabalho de investigação.

Em suma considero que dois dos grandes autores a falarem sobre esta temática, Gabriela Portugal e João dos Santos, deviam ser lidos e trabalhados por todas as educadoras, de forma a sensibilizarem-se para este tema que parece tão básico, mas que é extremamente profundo e que deve ser valorizado e lembrado para que todas as crianças possam ter a experiência de poderem estabelecer uma relação de segurança e amizade com as suas educadoras de infância, pois muitas vezes esta pessoa é a primeira a quem as crianças são entregues fora da família e com quem as crianças acabam por passar a maior parte dos seus dias.

Termino a minha reflexão com as palavras de Branco (2010, p.104)

Na educação, permanecem apenas as imagens modelares e não as palavras vazias de exemplo, porque, para estruturar um eu forte, a criança precisa de reconhecer a sua imagem no espelho modelar que os pais e os educadores lhe oferecem. Ora, esse reflexo especular é constituído por aquilo que eles são e pelo modo como, relacionando-se com a criança, a levam a sentir-se digna de amor e amada por eles.

Referências bibliográficas

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação – Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S. A.

Bogdan, R. & Biklen, S, (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Branco, M. (2010) *João dos Santos – Saúde Mental e Educação* (2ª ed.). Lisboa: Coisas de Ler.

Brazelton, T. (1995) *O grande livro da criança – O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa; Editorial Presença.

Cordeiro, M. (2014) *O livro da criança - do 1 aos 5 anos* (7ª ed.) A Esfera dos Livros.

Hockenberry, M. & Wilson, D. (2014) *Wong – Enfermagem da criança e do adolescente* (9ª ed) *Volume 1*. Loures: Lusociência.

Portugal, G. (1998) *Crianças, Famílias e Creches – Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.

Santos, J. (1991) *Ensaio sobre a educação – II O falar das letras*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia educacional*. Amadora: Mcgraw-hill de Portugal.

Recuperado em 2014, 11 de setembro, de <http://www.casadapraia.org.pt/joaodossantos/citacoes.html>

Anexos

Anexo 1

Autorização para as entrevistas

Cláudia Sofia Carreira Malato, estudante na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar, venho por este meio solicitar a sua colaboração na realização de uma entrevista, no âmbito do meu Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada.

Esta entrevista será sobre o tema “A Educadora como promotora do desenvolvimento emocional da criança.” A entrevista será gravada e terá uma duração entre 20 a 30 min.

A entrevista é anónima e confidencial.

A gravação desta entrevista será utilizada única e exclusivamente para proveito deste estudo.

Sem outro assunto e na expectativa de uma resposta favorável da sua parte, agradeço a atenção dispensada e despeço-me com os melhores cumprimentos.

Concordo com a entrevista nos termos propostos.

Lisboa, 2014/__/__

A educadora,

Anexo 2

Entrevista

Educador(a) : 1

Qual o tipo de instituição? A.P.I. Sem fins lucrativos

Há quantos anos trabalha enquanto educadora? 42 anos

Qual é a sua escola de formação? Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

1. Como vê o papel do educador em creche?

Acho que é importantíssimo, porque isto não é um lugar para entreter crianças nem tomar conta de crianças, é um lugar para promover o desenvolvimento. Para promover o desenvolvimento é preciso que as pessoas que estão saibam o que estão a fazer e para saber o que estão a fazer têm de ter estudado alguma coisa e pensado naquilo que estudaram. Portanto é importantíssimo que haja pessoas formadas na creche, aqui há uma diferença grande entre a creche até um ano e a creche a partir de um ano. Por exemplo eu aqui só tenho autorização a partir de um ano, porque de um ano para baixo têm outro tipo de necessidades, há que ter enfermeira, berçário, há que ter milhares de coisas que nós aqui na escola não temos. Portanto é muito diferente mesmo assim até um ano e a partir de um ano mas mesmo até um ano acho que é importantíssimo ter uma educadora, porque uma coisa é ter lá crianças que comem e dormem e sem entretêm com os brinquedos durante o dia e outra coisa é saber o que se está a fazer, desde que se pega neles ao colo o que é que se pode estimular, o que é que se pode fazer, que tipo de relação é que se pode ter, que mimo é que se deve dar, tudo isso implica um bocadinho mais de conhecimento, do que propriamente tomar conta só. Por isso acho que é

importantíssimo estar a educadora, tu vais dar aí uma voltinha nas salas e vês qual é a importância de estar uma educadora num ano e nos dois anos, claro que volta e meia aparecem auxiliares fantásticas, nós aqui temos um pessoal extraordinário em que a empregada da cozinha e da limpeza é a melhor educadora que eu conheço, porque ela é uma pessoa que tem um jeito para crianças e uma intuição que é uma coisa necessária, mesmo as educadoras se não houver intuição também não é só com a sabedoria que lá se chega, mas que tem uma intuição extraordinária, portanto há assim umas exceções que compensam bem a falta do conhecimento. Mas o bom é que as crianças estejam com a educadora.

2. Como valoriza a relação entre a educadora e a criança?/ 3. Que estratégias utiliza para promover esta relação?

A relação entre a educadora e a criança é mais ou menos a joia da coroa, se não houver relação entre a educadora e a criança, então o que é que há? Não há nada...tudo passa por aí, agora não é obvio, não é obvio que por uma criança e uma educadora numa sala ou por um grupo de crianças e uma educadora que haja essa relação, não é obvio! Aliás hoje em dia uma das coisas que eu noto e que me preocupam, não só em relação as educadoras e às crianças, mas em relação às mães e aos pais é que as pessoas são muito funcionais, as pessoas aprendem as coisas têm material á sua disposição para estimular, a inteligência, para por as crianças a funcionar, mas muitas vezes a coisa não passa pela relação, passa por funcionar, por funcionar bem, por organizar bem as atividades, por organizar bem as tarefas, por manter as crianças o dia inteiro ocupadas e até divertidas porque é muito fácil ter crianças felizes numa escola é a coisa que é mais fácil e mais básica do mundo. Porque supostamente as pessoas têm formação para isso, os materiais são ótimos, as escolas estão adaptadas às idades, e portanto ter lá crianças felizes é a coisa mais fácil que há, agora que o tempo que elas passam lá, que é precioso, sirva para alguma coisa para a vida delas, aí é que a porca torce o rabo, isso é que já distingue as pessoas e as escolas, é que esse tempo seja aproveitado de uma maneira que fique o cunho para a vida. E isso passa pela relação não

pode passar por outra coisa, quer dizer tudo funciona a partir da relação e uma coisa que é muito importante é que, muitas vezes eu penso que os educadores acham que é um dado adquirido, que haja essa relação porque são boas pessoas, porque chegam aos sítios disponíveis para estarem com as crianças e acham que isso cai do céu. Uma relação tem por base a confiança de parte a parte e essa confiança tem de se merecer e tem de se conquistar de parte a parte, não se pode ter alunos numa aula e pensar que eles confiam em nós, que os pais confiam em nós e que nós podemos fazer o que quisermos para bem deles, ainda que seja para bem deles e que essa confiança está na base, não, confiança é conquistada desde os bebés até a faculdade, até à idade adulta, até aos velhos, temos sempre de conquistar a confiança e eles também, têm de perceber que a partir do momento em que eu, mesmo com os pais, que dizer eu às vezes tenho reuniões com os pais no principio do ano e há coisa que eu lhes quero dizer, que eu já sei que lhes quero dizer, mas que não digo na primeira nem na segunda reunião só digo na terceira reunião, porque para eles ouvirem determinadas coisas, eles têm de confiar em mim, porque se não confiarem em mim, eles não estão dispostos a ouvirem. Portanto isso é uma coisa que se trabalha, que se conquista e a confiança, eu acho que tem a ver muito com a nossa disponibilidade e com o nosso tempo, para estar, para ouvir para dedicar, porque se tivermos sempre a funcionar mal, a organizar as coisas muito bem organizadas, a por muitas atividades a gerir as atividades não há espaço para essa confiança se estabelecer, nem para a relação se consolidar. É preciso estarmos parados, é preciso estarmos sentados, é preciso eles estarem ao nosso colo, é preciso ouvi-los quando eles precisam de dizer coisas...essa é a parte difícil desta profissão e é também a única parte que vale a pena, ou a parte que vale mais a pena porque se não houver isso mais vale irmos gerir uma empresa do que virmos para aqui. Portanto isso tem a ver, temos de gerir e quando mais tempo temos de experiencia melhor, é aí que a experiencia pesa, porque é difícil para uma pessoa que começa a trabalhar, não ser funcional, porque tem gerir, tem que dar atenção a tudo, à disciplina, às atividades, à limpeza, à organização, à arrumação, portanto deixa de ter tempo e disponibilidade para estar a ouvir, para estar parada a observar, para estar ali, para eles sentirem que é uma pessoa que está ali para eles, é isso que eles têm de sentir. Agora quanto mais tempo vai passando na profissão, eu acho

que os educadores novos têm que ter isso na cabeça, têm de ter na cabeça que o trabalho deles tem que tender para terem mais disponibilidade, para estarem mais a vontade para estarem dentro do grupo, para não se preocuparem tanto com a organização e com as limpezas, nem com a sucessão das atividades, nem com a variedade das atividades, não, tudo isso são meios, não é o fim do nosso trabalho, são meios e portanto têm que tender para estarem mais disponíveis para as crianças que isso no fundo é o que interessa. Porque se eles virem uma pessoa a cirandar na aula, por mais que faça coisas que eles gostem, por mais que eles estejam contentes e felizes não se aprofunda a relação nem se aprofunda a confiança, é difícil que isso se faça. Portanto o bom de estar há muito tempo é isso é essa conquista de podermos estar, se for preciso, uma manha inteira só disponíveis para eles e eles organizarem-se, porque eles depois quanto menos nos organizamos mais eles se organizam o que é positivo, quanto menos nós fazemos para lhes facilitar a vida, mais autónomos eles se tornam, portanto isso também é positivo. Portanto é essa gestão que vocês têm de fazer ao longo da vossa carreira e ao longo do vosso tempo e que dá graça à coisa, porque se não era uma receita, e de facto não é uma receita porque como te disse estou aqui há 42 anos e todos os dias quando eu acho que descobri a receita para uma coisa qualquer, para resolver um problema, há sempre um que me vem dizer que com ele isso não pega, tenho de arranjar outra estratégia e portanto é essa busca de estratégias que torna esta profissão interessante todos os dias, porque são crianças diferentes todos os anos, os grupos entre si e a gestão dos grupos, a gestão das relações entre eles, tudo isso varia e se varia também tem de variar a estratégia, tem de variar a atuação, tem de variar a disponibilidade tem de variar tudo e como há tanta variável temos sempre que estar atentos e temos sempre que estar a pensar no assunto. Não dá para aplicar a receita.

4. Para si, qual é a importância da relação entre a creche e a família?

A relação entre a creche e a família é a mesma relação que entre o jardim infantil e a família, é importantíssima porque o nosso trabalho acho que os educadores tem de se convencer que o nosso trabalho é transitório demais se

não meter a família, nós estamos um ano, dois anos, três anos com as crianças e isso na vida deles é uma pequena parte e das duas uma, ou fazemos o trabalho com as famílias e se pode perdurar durante muito mais tempo o trabalho, se tivermos cada um a trabalhar para o seu lado, dura o tempo que nos ali tivermos com as crianças e de facto as crianças não são nossos filhos, vão viver toda a vida com a família. A família precisa imenso de ajuda hoje em dia mesmo que não saiba, as vezes não sabem mas precisam e descobrem que precisam, porque educar hoje em dia é muito difícil apesar de parecer que o mundo está feito para as crianças muito mais do que estava antigamente eu acho que está mais difícil tanto para os pais como para as crianças. Primeiro eu acho que os pais perderam um bocadinho uma coisa que era fundamental que era a espontaneidade na educação, tão muito preocupados com o conhecimento com o que leem, estão muito culpabilizados querem fazer bem e não sabem como, não têm muito tempo, trabalham muito, têm uma informação imensa e as tantas não sabem gerir tanta informação não sabem para que lado se hão de virar. Os educadores qual é a vantagem que têm, o educador tem a vantagem em que estudaram um bocadinho o assunto têm experiencia, vêm muitas crianças crescer e têm termos de comparação ou seja não têm um filho nem dois, uma criança ou duas que é o que eles têm em casa, e têm muitas o que é muito mais fácil para nós observarmos algumas coisas que para os pais que só têm um filho ou dois mesmo em termos de preocupações com alguns problemas é muito mais fácil detetarem-se socialmente do que propriamente na família, portanto nós temos a informação do lado social dos filhos que é uma coisa que eles não têm e portanto, já aí temos que fornecer esse lado que vem completar. Eles completam nos a informação porque muitas vezes as crianças são diferentes em casa e para o nosso trabalho também é importante saber o que se passa em casa, quais são as preocupações, quais são os comportamentos portanto ganhamos nós e ganham os pais. Depois se nós ganharmos a confiança dos pais, se é um se muito sublinhado, podemos chegar as uns níveis de conversação e de entendimento que são muito produtivos para ambos. É evidente que isto tem o risco de os educadores acharem que podem dizer tudo aos pais podem dar todas as informações e podem perguntar tudo também, nem podem perguntar tudo nem dizer tudo. Primeiro têm de seleccionar têm que pensar o que é que, isto eu acho que se

aplica a tudo na nossa vida, temos que aprender a falar, é difícil aprender a falar mas mais difícil é aprender a estar calado, é uma coisa muito difícil mas que tem de se aprender, porque isso aplica-se à vida toda das pessoas. Portanto não temos de dizer tudo o que sabemos e tudo o que percebemos, só temos de dizer aquilo que achamos que vai ser útil para o desenvolvimento daquela criança o resto não interessa nada dizer, ou as vezes contamos graças das crianças que os pais vão achar graça e tudo isso é importantíssimo, agora há coisas que não vale a pena dizer, coisas que sabemos que alguns comportamentos deles têm a ver com alguma discussão que eles até contaram que os pais tinha tido em casa, isto é um exemplo, não vais dizer eu sei que o senhor ontem discutiu em casa e por isso ele hoje está assim, não o papel é consolares, ouvires, no teu local fazes o teu papel e depois ficas com a informação que naquela casa há discussões e essa informação vai servir para um dia, quando houver oportunidade ou abertura para aquela mãe se abrir um bocadinho mais contigo, tu saberes aconselhar com a informação que tens na tua cabeça não é para lhe dizer que sabes aquilo, porque é extremamente desagradável que os pais saibam que as crianças dizem tudo o que se passa em casa. Temos de filtrar a informação é importantíssima a relação mas temos de filtrar sempre. Depois em que é que os pais precisam de muita ajuda hoje em dia é que os pais fazem sempre, pelo menos eu há quarenta e tal anos que eu vejo famílias, que tenho contacto com famílias e a conclusão que eu tiro é que todos querem fazer o melhor para os filhos, não há nenhuns que não queiram fazer o melhor para os filhos. Agora fazer o melhor para os filhos às vezes é difícil saber o que é melhor para os filhos e portanto às vezes eles andam enganados, andam ao lado das coisas e portanto aí quando nós percebemos isso. Eu percebo isso muito bem, porque como já aqui ando há muito tempo, vejo a evolução das crianças e uma coisa que eu noto e que me preocupa muitíssimo hoje em dia é que está tudo feito para as crianças, esta tudo adaptado as crianças, que parece uma coisa boa mas enquanto antes as crianças subiam degraus para ascender ao mundo dos adultos e adaptavam-se as coisas, hoje em dia o mundo dos adultos adaptou-se completamente às crianças e portanto as crianças têm zero de capacidade de adaptação. Ora no meu tempo nem sequer era preciso ter muita capacidade de adaptação porque as coisas eram sempre iguais, estávamos sempre na mesma escola, vivíamos

sempre na mesma casa, tínhamos o mesmo emprego... Hoje em dia se há coisa que as pessoas precisam de ter é capacidade de adaptação, porque tudo muda, portanto estas crianças estão a crescer com zero de capacidade de adaptação ou seja vivem nuns limbos que são a casa deles, onde eles controlam tudo, comem o que gostam, fazem o que querem, têm cadeira para estarem encostados para trás, têm cadeira para estarem encostados para a frente, têm desde bebés, se reparares esta tudo adaptado, há coisas nos cantos para eles não baterem o chão é forrado de espuma para eles não se magoarem...isto parece uma caricatura e é um bocadinho, mas é uma grande preocupação que eu tenho porque se as crianças não ganharem capacidade de adaptação vão ser infelizes e o que eu digo muitas vezes aos pais é que é muito fácil ter crianças felizes ao pé de nós, agora que os nossos filhos sejam felizes quando estão longe de nós, isso implica uma serie de ferramentas que eles tem de ter, que a escola tem de dar e que a família tem de dar também. Porque se facilitamos muito a vida e fechamos muito o ninho eles ficam muito felizes enquanto estão no ninho, e eu vejo isto agora aqui, há crianças já que não querem ir aos anos dos amigos, porque não sabem que tipo de organização lá vão encontrar, eles não verbalizam isso mas é esse o problema, porque podem haver coisas que eles não querem comer, porque há uma mãe que dá umas ordens que eles não querem obedecer, é uma serie de coisas que se nós repararmos todo o mundo como está feito contribui para isso, para eles não se irem adaptando a nada. Eles chegam à primária a achar que o conhecimento lhes vai para à cabeça como a comida vai a boca e a roupa vai ao corpo, e que não há esforço da parte deles, que eles não servem para nada, no fundo eles crescem a pensar que não servem para nada e que tudo é sorte ou azar, as coisas correrem bem é sorte e correrem mal é azar. É fundamental que eles desde a creche que eles percebam que as coisas correm mal ou bem muito pela atitude deles porque se eles fizerem esta escolha e se fizerem de determinada maneira as coisas correm bem se fizerem outra escolha de determinada maneira tendem a correr mal, portanto isso é uma coisa que é importantíssima senão eles vão sempre pela vida fora a achar, vêes os adolescentes que mudam mil vezes de curso porque a professora é injusta ou porque isto aconteceu e eles não sabem lidar com isso, têm crises medonhas de depressão porque a namorada acaba o namoro, porque não são

fortalecidos, não são forte, não contam consigo próprios, não se fortaleceram ao longo do crescimento. Portanto esse fortalecer é importantíssimo que nós partilhemos com os pais porque é muito difícil os pais perceberem por eles e quando percebem já é tarde e perceberem por eles o que é que faz uma criança fortalecida e o que é que não faz. Porque têm um ou dois em casa, porque é fácil mimá-los, porque é que não se há de fazer assim se eles gostam, porque não havemos de dar se podemos e no fundo não percebem que toda a educação é feita de coisas mínimas, não há um dia que se diga, hoje é o dia de educar, vamos educar, não a educação é feita de coisas mínimas que são feitas todos os dias e ao longo dos dias e que sozinhas não têm importância nenhuma todas juntas é que têm importância. Portanto para conseguirmos não fazer as coisinhas temos de ter uma visão do objetivo, temos de saber qual é o objetivo, porque assim falhamos hoje mas não falhamos amanhã porque sabemos onde é que está o caminho, portanto podemos nos desviar do caminho de vez em quando, não tem importância nenhuma, mas voltamos ao caminho porque temos um objetivo, se não tivermos um objetivo é mais difícil, eu vejo que é difícil para os pais hoje em dia construírem esse objetivo. Eles querem que as crianças sejam felizes querem que as crianças sejam competentes, eles querem que as crianças sejam competitivas, para conseguirem o lugar ao sol, mas como é que isso se faz, as vezes fazem exatamente o oposto, que é porem mil atividades extra curriculares para eles ficarem muito competentes ou seja as crianças desta idade de creche e jardim infantil ficam um dia inteiro na escola, chegam a casa e estão estafados o que é que eles precisam, precisam de estar em casa deles, precisam de ter tédio que é uma coisa que as crianças não têm hoje em dia e que é a coisa mais importante para se ter na vida interior, para se ter criatividade. As crianças hoje em dia estão entretidas de manhã até à noite, ou estão com a empregada ou com a baby-sitter, ou estão com o pai culpabilizado que tá pouco tempo ou estão com a mãe que também teve pouco tempo e vai dar atenção e vai se sentar no quarto a brincar...deixem-nas em paz, deixem-nas um bocadinho sozinhas, deixem-nas chatearem-se que é a coisa mais importante que há portanto só se cresce ou só se olha para dentro se a pessoa estiver sozinha se tiver de inventar brincadeiras...se tiver sempre entretida está sempre distraída e pode-se crescer distraído. Um dia que se dê atenção e que

se deixe de estar distraído e que se tenha de olhar para dentro o caldo está entornado porque não se construiu nada. Portanto esse é o nosso papel junto dos pais é tentarmos que eles percebam qual é a consequência de determinadas coisas a longo prazo, porque a curto prazo eles vêm mas a longo prazo eles preocupam-se que eles façam birras, as crianças tem de fazer birras e eles tem de fazer o papel deles e nos temos de fazer o nosso, eles têm de fazer birras e nós temos de dar o basta quando achamos que é caso disso. Não podemos ter crianças que não fazem birras, eles têm mesmo de fazer birras, agora o que não se pode é quando eles fazem birras tentar distrai-los com outras coisas, não eles começam a birra têm de terminar a birra, aquilo tem um principio um meio e um fim que tem de se fazer, tem de se cumprir, porque senão nem se cumpriu esse papel. Se estamos sempre a distrai-los com outras coisas para não fazerem birras e o grande mal desta época é essa distração permanente ou entretidos com as atividades extra curriculares, uma criança não tem ombros para aguentar um dia inteiro numa escola e depois ir a casa lanchar e ir para uma atividade extra curricular. Portanto o que é que eles fazem dizem que gostam do judo porque viram o judo ou o ballet, vão duas vezes enquanto se compra o fato e enquanto é divertido as primeiras vezes, depois desistem e dizem que não gostam, que é o mesmo que dizerem que estão cansados e que não aguentam. Os pais experimentam outra e outra e chegam ao final do ano e eles experimentaram três ou quatro atividades extra escolares, que são portas que fecham onde eles nunca mais voltam porque ficaram com uma má imagem e não serve para nada. O que serve é aprofundar cada coisa que se faz e fazer-la até ao fim e fazer muito menos coisas e mais aprofundadas, isso aplica-se a tudo, incluindo as atividades da escola, não é preciso fazer mil atividades durante o dia, é preciso fazer uma, duas ou três. Eu aqui dá-me imenso gozo que eles comecem a fazer barro um dia e continuem a fazê-lo o dia inteiro e no dia seguinte ainda peguem e continuem, porque isso é que aprofunda as coisas e serve para alguma coisa, se não é mais uma distração, é mais uma superficialidade, eu vejo aqui eles começam um puzzle e na primeira dificuldade eles arrumam e vão buscar outro, se eu não tiver lá e não tiver com atenção, em casa eles fazem a mesma coisa, eles têm mil brinquedos, começam um aquilo teve um entrave qualquer, não corre bem e eles simplesmente vão buscar outro e por aí fora, é assim a vida deles. Se

juntares tudo isto dentro de um saco, todas estas experiencias dentro do saco percebes que eles tiveram a treinar precisamente o contrário daquilo que deviam treinar e isso vai dar um resultado qualquer no futuro. Portanto é olhar a longo prazo e ver, tanto nós como os pais, que caminho é que nós estamos a fazer com aquela criança para atingir determinado objetivo, por isso em comum, desde pequeninos, nós reparamos nas coisas, desde um ano, dois anos, percebe-se como é que eles vão ser, percebe-se muitas coisas que já lá estão, e há crianças que vão ser assim a vida inteira, porque é o feitio deles, e ainda bem, porque a graça é sermos todos diferente, não é sermos todos iguais . Agora há coisas que se podem limar de maneira que aquele feitio que eles têm, que aquela personalidade, que aquilo que vem com eles, lhes possa trazer melhores benefícios para eles próprios. É essa descoberta que nós temos de fazer todos os dias, e quando nós fazemos essas descobertas é bom que partilhemos essas descobertas com os pais porque eles estão completamente de braços abertos para perceber o que é que se passa com os filhos, porque se há coisa que é difícil é uma pessoa perceber um filho em casa, nós observamos, adoramos, apetece-nos dar-lhes tudo, porque é o que apetece sobretudo se tiver pouco tempo com eles mas percebe-los exatamente e perceber exatamente o que é bom fazer com aquele filho que é diferente do irmão é uma riqueza imensa e os pais agradecem imenso, quando nós partilhamos essas descobertas com eles. Agora temos de partilhar de uma forma sensata no minino, sensata, sensível, interessada, generosa, tudo isso tem de estar nessa partilha porque senão não serve para nada, pode servir exatamente para o contrário. Os pais hoje em dia sentem-se muito culpabilizados principalmente na creche, eles gostariam de os por mais tarde mas também não tem de estar culpabilizados porque eu quando olho para trás o meu pai não ia brincar para o quarto comigo, via o meu pai à hora de jantar e foi a pessoa que mais determinou a minha pessoa, foi a pessoa mais importante na minha vida, portanto o que interessa é a qualidade do tempo que se está com os filhos, não é que se esteja mais ou menos. Isto não vai voltar para trás por isso o que interessa é que eles aprendam a estar pouco tempo e bem isso é que eles têm de aprender, não é estar sempre a compensar o tempo que não estamos com eles isso também é bom que os pai percebam e

que descansem um bocadinho porque não estão a fazer mal, têm de trabalhar porque é assim a vida hoje em dia.

Anexo 3

Entrevista

Educador(a) : 2

Qual o tipo de instituição? I.P.S.S

Há quantos anos trabalha enquanto educadora? 7 anos

Qual é a sua escola de formação?

1. Como vê o papel do educador em creche?

Essencialmente nesta fase é dar-lhes instrumentos para que eles possam desenvolver uma serie de aptidões necessárias para o seu desenvolvimento global. Além disso o papel do educador é criar um ambiente seguro onde eles se consigam desenvolver. Nesta fase tu basicamente não ensinas, mas sim dás lhes ferramentas para eles poderem desenvolver o que já é inato deles e nesta fase passa muito pela experiencia, materiais novos, experiencias novas, é muito pelo experimentar e pelo sentir, pelo cheirar, pelo provar, tal como nós fazemos com as atividades de culinária, ainda hoje eles estiveram a provar o açúcar, a farinha, é muito pela experiencia, pelos cinco sentidos. Nesta fase eles desenvolvem-se principalmente através dos cinco sentidos e nós devemos promover experiencias onde eles possam desenvolver essas aptidões todas.

2. Como valoriza a relação entre a educadora e a criança?

É o mais importante, se a criança não se sente bem, não se sente segura, a criança não se desenvolve e para a criança se sentir bem e segura tem de haver um trabalho por parte do educador e não só porque aqui também há o auxiliar que está sempre em sala, de lhes proporcionar um ambiente seguro, onde eles se sintam seguros e possam explorar e a criança se não se sente bem, tem medo, não vai explorar, não vai fazer nada.

3. Que estratégias utiliza para promover esta relação?

Nesta fase, a brincadeira com eles, o participar nas brincadeiras com eles, logicamente que há os momentos em que eles precisam de ter regras e é extremamente importante eles comecem desde a creche a ter regras, mas também é muito importante eles sentirem o carinho, o afeto nesta fase porque muitos deles esta fase é a primeira, para muitos deles que estão aqui é o primeiro contacto com a escola, estão habituados a estar em casa com os pais ou com familiares, e têm de sentir esse ambiente aqui, esse ambiente familiar onde eles podem estar à vontade. As regras e as rotinas diárias também são formas de lhes dar essa segurança, as regras são importantes para eles anteciparem o lhes dá segurança, dá-lhes autonomia, e nesta fase é basicamente isso é proporcionar-lhes as tais experiências para eles terem autonomia para se desenvolverem sozinhos, mas sabendo que têm sempre por trás alguém que os ajuda.

4. Para si, qual é a importância da relação entre a creche e a família?

A seguir à relação com a criança é a segunda coisa mais importante, porque principalmente nesta faixa etária se não houver um trabalho em conjunto com a família as coisas não funcionam, os pais também têm de se sentir seguros, têm de sentir que eles aqui estão bem e participarem, envolve-los, porque cada vez mais os pais se demitem da função de pais, a partir do momento em que os põe aqui de manhã, vão para o trabalho, esquecem e vão busca-los no final do dia e quando criamos atividade e mesmo em termos de escola ou atividades que pedimos para eles fazerem em casa com os pais é sempre envolve-los na vida, porque eles passam aqui a maior parte do tempo deles nesta fase, eles passam mais horas aqui do que com os pais e é uma maneira dos pais se envolverem na evolução deles e no processo de crescimento deles. Apesar da nossa categoria ser de educadoras a nossa função não é educar, a educação

tem de partir de casa, a nossa função aqui é dar-lhes a opção deles desenvolverem as suas aptidões.

Anexo 4

Entrevista

Educador(a) : 3

Qual o tipo de instituição? I.P.S.S

Há quantos anos trabalha enquanto educadora? 12 anos

Qual é a sua escola de formação? Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

1. Como vê o papel do educador em creche?

O papel do educador em creche é um papel de orientar, papel modelo, papel de conduzir a criança, ao seu desenvolvimento ao longo de tudo aquilo que vai conseguindo, das rotinas que são incutidas, em sala no dia a dia, é a segunda mãe, em creche é quase isso.

2. Como valoriza a relação entre a educadora e a criança?

Valorizamos com tudo o que sejam afetos, carinhos, e toda a relação que é estabelecida e principalmente antes disso devemos estabelecer uma boa relação com os pais para depois a criança também sentir segurança e confiança que os pais têm na escola para que depois também se sinta segura com os adultos na sala.

3. Que estratégias utiliza para promover esta relação?

Estas que eu agora referi, em primeiro lugar incentivar os pais a sentirem-se seguros para depois a criança também se sentir segura, olhá-la sempre nos olhos é uma das questões que deve estar sempre focada, na relação que a criança deve ter com o adulto descer ao nível deles, rastejar, agachar-se ter uma voz mais ténue possível mas quando é preciso também impor as regras e os limites que eles também já vão percebendo e vão se incutindo esses limites.

4. Para si, qual é a importância da relação entre a creche e a família?

Deve ser uma relação de muita confiança e de muita transparência, não só na escola, tudo o que se passa deve ser transmitido aos pais, mas muitas vezes os pais têm um papel, que nem sempre cumprem que é omitir algumas situações que se passam em casa com a criança, e que nem sempre têm aquela abertura de chegar à escola e transmitir e isso é muito importante que aconteça. Que haja esta relação entre o educador, a escola, alguém que eles encontrem dentro da sala, muitas vezes pode não ser o educado, pode ser o auxiliar que está mais tempo com as crianças e que muitas vezes o educador tem um horário mais reduzido, mas é importante eles criarem uma relação de confiança com algum elemento da sala para que a relação possa ser positiva.

Anexo 5

Entrevista

Educador(a) : 4

Qual o tipo de instituição? I.P.S.S

Há quantos anos trabalha enquanto educadora?

Qual é a sua escola de formação? Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

1. Como vê o papel do educador em creche?

Em creche temos um papel um bocadinho também de pais, porque eles quando largam os pais, principalmente a mãe, vêm muito cedo para perto de nós, embora eu ache que quando as crianças vêm muito pequeninas, por exemplo com 5 meses, não têm muita angústia da separação, o corte que é feito não é assim muito violento. Apesar de haver crianças que vêm mais tarde e por isso nós temos um bocadinho o papel de cuidador no sentido da família, é um papel muito importante até porque as crianças passam muito tempo connosco, não só porque não têm tanta capacidade de aquisição de conhecimentos formalizados, mas tudo aquilo que nós lhes passamos é importantíssimo. O cuidar, o mimar a linguagem que temos com eles, é um papel fundamental.

2. Como valoriza a relação entre a educadora e a criança?

A relação é estabelecida quase no primeiro impacto, assim que nós conhecemos a criança ou assim que a família nos apresenta a criança, a relação é estabelecida, nem sempre a criança aceita vir para o colo ou dar um

sorriso ou ter um comportamento mais favorável, mas essa relação é estabelecida a toda a hora e todos os dias, como disse resposta anterior, é conosco que eles passam a maior parte do tempo e é uma relação que tem de ser fortalecida diariamente, a toda a hora. Tem de ser uma relação de segurança e de confiança essencialmente.

3. Que estratégias utiliza para promover esta relação?

Em primeiro lugar eu acho que nunca devemos, quando um pai ou uma mãe ou seja quem for o familiar ou quem nos entrega a criança, nunca devemos arrancar a criança do colo que nos vem entregar, devemos sempre esperar que esse ato seja feito com tranquilidade, que a criança possa passar com muita calma do colo de quem chega ou da mão de quem chega para a nossa mão porque é importante que se sinta que está conosco mas aquela pessoa que a trouxe e que é uma referencia há de chegar para a vir buscar e não é conosco que vai ficar para sempre, pelo menos não é aquele o suposto do que deve acontecer. Depois há situações em que temos de realmente os aliciar com ações ou com algum objeto ou com alguma atividade que lhes desperte o interesse. Mesmo em creche e mesmo sendo pequenos há crianças que têm dificuldade em se adaptar e em entregar-se.

4. Para si, qual é a importância da relação entre a creche e a família?

É sempre importante embora eu ache sempre que a família é o primeiro patamar na educação e na formação da criança, e a creche está para apoiar e para ajudar naquilo que for preciso muitas vezes o que acontece e principalmente agora é que as famílias tem tão pouco tempo que é quase o contrario, nós quase que pedimos ajuda à família para que as situações se concretizem com a criança a nível do desenvolvimento. É sempre uma relação muito importante, convém que a família esteja sempre a par daquilo que se passa com a creche, que as pessoas que estão na creche estejam a par daquilo que a família considera importante e as informações que considerem

importantes passar. Mas é obvio que é uma relação fundamental que deve acontecer diariamente em conversas informais ou em conversas formais mas é uma relação que tem de ser construída diariamente, até porque para o desenvolvimento das competências da criança se não for assim não há outra forma e não é um trabalho bem conseguido.

Anexo 6

NOTA DE CAMPO	
<div>Nº da Nota de Campo: 1</div> <p>Situação: O acolhimento Data: 13-01-2014 Hora: 8:45 Local: C.S.P.P Intervenientes: Educadora e Camila Sexo: feminino Idade: 2 anos Outros indicadores de Contexto:</p>	
Descrição	Inferência
Na altura do acolhimento, as crianças que chegam nem sempre querem sair dos braços dos pais. Neste caso uma menina não queria ficar, mas a educadora foi recebe-la à porta da sala e a menina acabou por ficar com esta, triste mas ficou e despediu-se da mãe.	Achei bastante importante a educadora ter ficado com a criança ao colo até que esta se sentisse bem o suficiente para ir brincar. Nestas idades é sempre mais difícil deixar os pais pelo que essa separação deve ser o menos brusca possível de maneira a que a criança não fique assustada e insegura.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Brazelton (1995) fala-nos sobre a separação no contexto de jardim de infantil e infantário, dando algumas sugestões para facilitar esta primeira separação. Em primeiro lugar os pais devem preparar-se para depois enfrentar os sentimentos do seu filho; Ler histórias que falem no assunto e sobre brincar com outras</p>	

crianças; Apresentar o seu filho à educadora e mostrar-lhe que confia nela; Deixe-o levar um brinquedo que o lembre do seu lar; Quando chega ao infantário tire-lhe os agasalhos exteriores e certifique-se que a educadora o cumprimenta. Diga-lhe que já volta; Não prolongue a despedida; Abrace-o com força quando o for buscar.

Desta forma as crianças ficam mais calmas e sentindo-se seguras quando vão para o infantário, se os pais forem muito ansiosos vamos ter uma criança também mais ansiosa pois ela percebe que os pais não estão seguros ao deixa-la.

Sendo este um momento muito difícil para a criança e para os pais é importante que seja feito com calma e que o ambiente da sala seja calmo e seguro, bem como a educadora deve chamar a criança e aproximar-se dela dando-lhe segurança para que ela fique aos seus cuidados.

Anexo 7

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 2

Situação: O almoço

Data: 16-01-2014

Hora: 11:45

Local: C.S. P .P

Intervenientes: Eu e Laurimar

Sexo: masculino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
Na hora do almoço há uma criança que não come sozinha, nem pega na colher para comer a sopa. Desta forma tem de haver sempre alguém, ou a educadora ou a auxiliar a dar-lhe o almoço. Neste dia fui eu que lhe dei o almoço porque ele estava a chorar bastante. Ao dar-lho mantive-me bastante calma, seguido o seu ritmo e dando-lhe carinho ao mesmo tempo, o que o tranquilizou.	Considero que a hora da alimentação é bastante importante, principalmente porque as crianças não estão em casa com os seus pais. Desta forma a calma e paciência são fundamentais para que a criança não se sinta pressionada. Para algumas crianças essa pressão pode ser bastante prejudicial ao seu desenvolvimento, uma vez que eles deixam de querer comer, porque não lhe dão o tempo necessário para cumprir esta tarefa.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Esta criança é bastante dependente do adulto pelo que quer estar constantemente ao seu colo ou agarrada a ele, não sabe pedir o que quer, nem comunica a nível verbal. Está sempre muito parado e não brinca com as outras crianças. A questão da alimentação é mais um aspeto onde a criança está menos apta que as do restante grupo, mas cada criança é uma criança e devemos respeitá-la.

Muitas vezes o segundo prato também não come pois não mastiga e é capaz de ficar com a comida na boca a refeição toda sem a mastigar e engolir.

Penso que sendo esta a atividade que se realiza imediatamente antes do momento da sesta, também poderá estar associado a este comportamento o sono, pois a criança apresenta sempre um comportamento sonolento na hora da alimentação, para além dos que já referi anteriormente.

Cordeiro(2014, p.41) diz que “ A regra fundamental da alimentação e da nutrição infantil é a adequação. Não apenas à idade, mas à criança. Aos hábitos da família. Aos hábitos da sociedade. Não apenas aos alimentos em si, mas a todo o ritual que os acompanha, desde os horários das refeições até ao significado de alguns alimentos e pratos.”

Anexo 8

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 3

Situação: O acolhimento

Data: 20-01-2014

Hora: 9:10

Local: sala

Intervenientes: Sara e Estagiaria

Sexo: feminino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
A Sara chegou à creche com a empregada, que a trazia ao colo, ao chegar esta tirou o casaco à menina e vestiu-lhe o bibe. A Sara entrou na sala muito sorridente e veio direito a mim, que estava à porta da sala para lhe dar os bons dias. Eu peguei na menina ao colo dei-lhe um abraço e um beijinho e fomos dizer adeus à empregada que disse que a viria buscar mais logo.	Fiquei bastante feliz perante esta situação, pois percebi que já faço parte da sala e do ambiente das crianças, e que também esta menina gosta de mim e da minha presença. É interessante ver como ao longo destas semanas o comportamento das crianças se vai modificando e como se habitua tão facilmente à minha presença, à minha personalidade, e várias vezes vêm ter comigo procurando carinho e afeto, que sempre lhes dou.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Nesta situação, no acolhimento, esta menina vem quase sempre muito feliz, fazendo-se acompanhar de um pequeno peluche, que ela gosta bastante. No entanto a educadora estabeleceu que os meninos têm de deixar os seus peluches e brinquedos no cabide junto com os casacos, talvez para não se perderem ou estragarem. No entanto vários autores falam sobre a importância destes objetos aos quais as crianças estão mais apegadas, os chamados objetos transicionais, que são muito importantes para que as crianças se sintam seguras, em ambientes que não são a sua casa e onde não têm os pais por perto.

Branco (2010, p.407) “Eis a razão por que o brincar entre a mãe e o bebé é, para João dos Santos e Winnicott, matriz da capacidade criativa por abrir um espaço de transicionalidade (Winnicott) ou operatividade (João dos Santos e Winnicott), onde tudo se pode criar, inventar e comunicar. Mãe e bebé preenchem-no (para compensar a simbiose perdida) com os mais diversos objectos que a criança prefere e aos quais se agarra (peluches, brinquedos e brincadeiras vários), por neles poder projectar imagens que tornam presente quem se ausentou. Estes objectos podem também ser sons, gestos, palavras, brincadeiras, e o manejo exterior e interior de todos eles é da mais vital importância para a evolução emocional, afetiva, mental e espiritual da criança. Achei importante fazer esta referência de Branco pois esta criança muitas vezes fica triste e chora bastante por não poder levar o seu peluche para a sala, o que não é possível devido às regras de funcionamento da sala.

Anexo 9

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 4

Situação: O acolhimento

Data: 22-01-2014

Hora: 9:10

Local: sala

Intervenientes: Anna Luiza e Estagiaria

Sexo: feminino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
A Anna Luiza chegou à sala de acolhimento ao colo da mãe, eu estava na sala com a auxiliar da sala onde se faz o acolhimento. Fui à porta receber a menina, mas esta não queria vir, e só queria ficar com a mãe, mas a mãe queria que eu tirasse a criança do seu colo pois ela já estava atrasada, com algum esforço consegui convencer a menina a ficar ao meu colo e ir à janela ver a mãe, dizendo-lhe que ela mais tarde a vinha buscar à creche, conseguindo	Nesta situação a criança demorou algum tempo a vir para o meu colo porque, eu estou com este grupo há pouco tempo e a menina ainda não tinha vindo muitas vezes à creche pois tinha estado de férias com os pais. Por esta razão ela ainda não se sentia segura na minha presença, o que é bastante normal nesta idade. Esta menina também não reage muito bem na presença de pessoas que desconhece pelo que demora algum tempo a habituar-se à sua presença e

acalma-la.	só mais tarde quando se sente bem é que vem ter com o adulto. Neste caso foi comigo, mas a educadora disse-me que esta menina reage sempre desta forma com pessoas novas que desconhece.
Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica) <p>Na hora do acolhimento é necessário que a educadora se encontre sempre disponível para poder receber as crianças, uma a uma para que estas se sintam seguras e protegidas, ao saírem dos braços dos pais.</p> <p>Cordeiro (2014) fala-nos sobre o acolhimento dizendo “ O momento da separação é, como mencionei, um momento difícil. «Não quero ir para a escola!» As crianças gostam da escola, mas no momento do «ir», do corte da separação física dos pais. Para que este momento seja mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola” (p.371)</p>	

Anexo 10

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 5

Situação: A fruta

Data: 29-01-2014

Hora: 14:50

Local: sala

Intervenientes: Eu e Joana

Sexo: feminino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
Ao acordar as crianças depois da sesta fui ter com uma menina, acordei-a e ajudei-a a levantar. A Joana calçou os sapatos e de seguida acompanhei-a à casa de banho, foi então que reparei que esta tinha algo na boca, perguntei-lhe o que era, esta deitou logo fora da boca um pedaço de tangerina. Eu deitei fora e disse-lhe e que não podia fazer aquilo pois poderia engasgar-se a dormir. Seguidamente fui ter com a educadora e contei-lhe o sucedido,	Achei bastante preocupante o facto da Joana não ter dito que ainda tinha a fruta na boca e ter-se ido deitar, dormindo com a fruta ainda por engolir. Sendo uma criança mais desenvolvida, devido à estimulação em casa, acho que a atitude da educadora de ter conversado com ela como uma adulta foi bastante importante para a criança perceber que o que tinha feito era perigoso e não se poderia voltar a repetir.

<p>esta teve uma conversa séria com a criança explicando-lhe que o seu comportamento não tinha sido correto e alertou a criança para os perigos de dormir com a fruta na boca. Disse-lhe também que não se zangava com ela se ela já não conseguisse comer aquele pedaço de fruta antes da sesta.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Perante esta situação a educadora explicou-me que com esta criança se pode conversar desta maneira e explicar os motivos pelos quais o que fez está errado com calma e firmeza.</p> <p>Cada criança é uma criança e como tal devem ser respeitadas. As estratégias a utilizar com cada uma, mesmo em situações semelhantes, devem ser diferentes pois temos de encontrar uma que funcione e resulte para cada criança.</p> <p>Neste caso considero que é uma nota de campo importante para o tema da minha tese, pois foca a relação entre educador e criança. Aqui esta criança quando se foi deitar não teve a confiança suficiente na educadora para lhe dizer que não queria comer o resto da fruta, pelo que a deixou ficar na boca durante toda a hora do repouso, o que foi bastante perigoso pois esta menina poderia ter se engasgado com a fruta durante o sono.</p> <p>Por outro lado a conversa com a educadora permitiu à criança ganhar confiança na educadora pois esta sobe falar com a criança de forma a que ela se sentisse segura para falar com a mesma perante outra situação como esta. Portugal (1998, p.179) diz-nos que as relações da criança com o educador parecem ser independentes das relações estabelecidas com os pais, sendo que desta maneira uma criança que tenha uma relação insegura com a mãe, pode estabelecer uma relação de segurança com a educadora. Desta maneira podem acontecer as diversas situações desde a criança ter uma relação segura com os pais e com a educadora, não estabelecer uma relação segura</p>	

com nenhuma das partes ou só estabelecer uma relação segura com uma das partes ou pais ou educadora.

Também é importante referir que para que a criança possa estabelecer uma relação de segurança com a educadora os pais também tem um papel importante, podendo transmitir à criança que se sentem seguros ao entregarem-na ao educador, e que confiam no mesmo. No que diz respeito ao educador, também este deve ser seguro e calmo, e a sala deverá ter um ambiente em que a criança se sinta bem e confortável, ambiente alegre, calmo e seguro.

Anexo 11

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 6

Situação: A saída

Data: 6-02-2014

Hora: 16:30

Local: ginásio

Intervenientes: Sara e Educadora

Sexo: feminino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Depois do lanche, as educadoras de 3 salas com crianças entre os 2 e os 3 anos, juntaram-se no ginásio para as crianças brincarem todas juntas e num espaço diferente.</p> <p>Nesta altura algumas crianças começam a sair, pois os pais não vêm todos a mesma hora. O pai da Sara chegou para a vir buscar, a menina não queria ir com o pai, esperneava e chorava, já no colo do pai.</p> <p>A educadora tentou acalmar a menina falando com ela enquanto ela estava</p>	<p>Esta situação apanhou-me de surpresa pois o comportamento habitual das crianças, quando os pais chegam, é largar tudo e correr para os seus braços.</p> <p>No entanto ao longo do meu período de estagio também foram raras as vezes que o pai veio buscar a menina, pois normalmente vem sempre a empregada busca-la, o que significa que esta situação saiu fora das habituais rotinas da criança.</p>

ao colo do pai, dizendo-lhe que era o pai que a tinha vindo buscar e que no outro dia ela voltava para a creche.	
--	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Perante esta situação, fiquei um pouco surpreendida com a reação da criança, e como esta não é uma situação normal do seu comportamento, pensei que a criança pudesse estar triste com o pai, ou então poderia estar a antecipar uma situação que não estaria a gostar. Inúmeras hipóteses me passaram pela cabeça que pudessem justificar o comportamento da criança, no entanto as crianças estão habituadas a terem uma determinada rotina diária, tanto em casa como na creche ou infantário, neste caso a rotina desta criança é ser a empregada a vir busca-la à creche, pelo que a falha desta fase da sua rotina poderá ter despertado o seu comportamento.

Anexo 12

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 7

Situação: O almoço

Data: 12-02-2014

Hora:

Local: Refeitório

Intervenientes: Eu e grupo de crianças da sala violeta

Sexo: feminino e masculino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
Neste dia estava sozinha com a auxiliar geral que não pertence a esta sala, quando fomos para o almoço as crianças estavam mais agitadas que o normal, e chamavam-me pedindo a minha ajuda para comer. Quando a auxiliar geral se aproximava destas para as ajudar elas continuavam a chamar-me e a pedir ajuda para lhes dar o almoço.	Considero que é muito recompensador para mim a ligação que já criei com estas crianças e elas comigo, pois eu estou com elas há apenas 6 semanas. Em pouco tempo consegui criar uma grande empatia com a maior parte das crianças o que é notável para mim e muito motivante.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação)

teórica)

A educadora disse-me que este facto é muito interessante pois eles preferiram a minha ajuda que só estou presente há 6 semanas que a da auxiliar que já conhecem há muito mais tempo, o que significa que o meu trabalho enquanto estagiária e futura profissional na área da educação está no bom caminho. Quando se trabalha com crianças é importante estabelecer uma boa relação com o grupo de maneira a que eles confiem em nós e queiram ficar no infantário sem grandes problemas de separação dos pais.

Além desta boa relação é preciso que as educadoras permitam que as crianças tragam os seus objetos transicionais, Cordeiro (2014, p.309) explica o que são objectos transicionais “ Toda a gente tem um objecto transicional, seja a almofada a que nos agarramos, mais do que um simples apoio para o pescoço até, como acontece com alguns adultos, o urso de peluche da infância. O significado destes objectos reside na segurança que transmitem e o poder que têm em significar que, neles, estão todas as pessoas que desejaríamos que estivessem ali, para nos garantir a segurança. O objecto deve ser escolhido pela criança e ter tudo o que precisa para fazer as funções que queremos dele.”

Estes objectos transmitem segurança as crianças mas as educadoras também devem fazê-lo, principalmente quando começam a estabelecer uma ligação com as crianças, fazendo com que elas confiem em si e se sintam bem e protegidas na sua presença.

Anexo 13

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 8

Situação: A fruta

Data: 17-02-2014

Hora: 12:20

Local: sala

Intervenientes: Alina e Educadora

Sexo: feminino

Idade: 2 anos

Outros indicadores de Contexto: A criança já estava cansada e sonolenta

Descrição	Inferência
A Alina veio para a sala depois do almoço com a educadora, a criança tinha a fruta na boca e chorava compulsivamente sem sequer fechar a boca. Ficou a chorar durante algum tempo enquanto as restantes crianças tentavam dormir. A educadora falou com ela tentando acalmá-la e fazer com que ela comesse a fruta, até que finalmente mastigou a fruta engoliu e a educadora deu-lhe um abraço para ela se acalmar e a criança foi dormir.	Durante este acontecimento eu depois de algum tempo a ouvir a menina a chorar disse à educadora que não sabia se conseguia ser forte a ponto de continuar a dizer para a criança comer, pois esta criança é bastante meiga e não é habitual fazer birras. Depois a educadora explicou-me a situação toda, pois a criança em casa não costuma comer a fruta, porque os pais não insistem o que fez com que a criança se desabituasse de a comer.

	<p>Uma vez que a menina não vai para a creche todos os dias e muitas semanas nem um único dia vai.</p> <p>Depois desta conversa eu percebi que a sua atitude da educadora por mais difícil que fosse era a mais correta neste caso.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>A educadora explicou-me que a Alina já tinha comido a fruta toda e que aquele era o ultimo pedaço, mas em casa ela está habituada a que lhe digam logo para deitar a comida fora para não a ouvirem chorar. A educadora também já optou por dizer à criança para deitar fora mas este procedimento não pode ser frequente, para que a criança se vá habituando a comer, para isso é preciso que algumas vezes se insista mais mesmo que a criança faça birra.</p> <p>O facto da criança se deitar muito tarde em casa, também faz com que ela venha para a creche mais cansada, e nesta altura do almoço ao qual se segue imediatamente a sesta é um período em que a criança começa a ficar bastante sonolenta, e até já chegou mesmo a adormecer durante a refeição.</p> <p>Neste caso a criança fez uma pequena birra, mas mais derivada do sono e cansaço que estava a sentir, pois quando percebeu que só se iria deitar quando mastigasse e engolisse a fruta a criança fê-lo sem problemas e foi para a sua cama dormir.</p> <p>Cordeiro (2014, p.244) fala sobre as birras dizendo que “As crianças não conseguem lidar com muitos sentimentos ao mesmo tempo. Não conseguem porque não têm capacidade de lidar com eles.”</p>	